THEOTONIO FILHO

Bruno Ragaz
(ANARCHISTA)

MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores
11, Largo dos Loyos, 14
PORTO

BRUNO RAGAZ

(ANARCHISTA)

TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
178, R. ELIAS GARCIA, 184 - PORTO - 1913

Obras de THEOTONIO FILHO

D. Dolorosa
A Tragedia dos Contrastes
Madame Bifteck-Paff
365 dias de boulevard
Ladra Internacional (em conclusão)

THEOTONIO FILHO

Bruno Ragaz

(ANARCHISTA)

1913

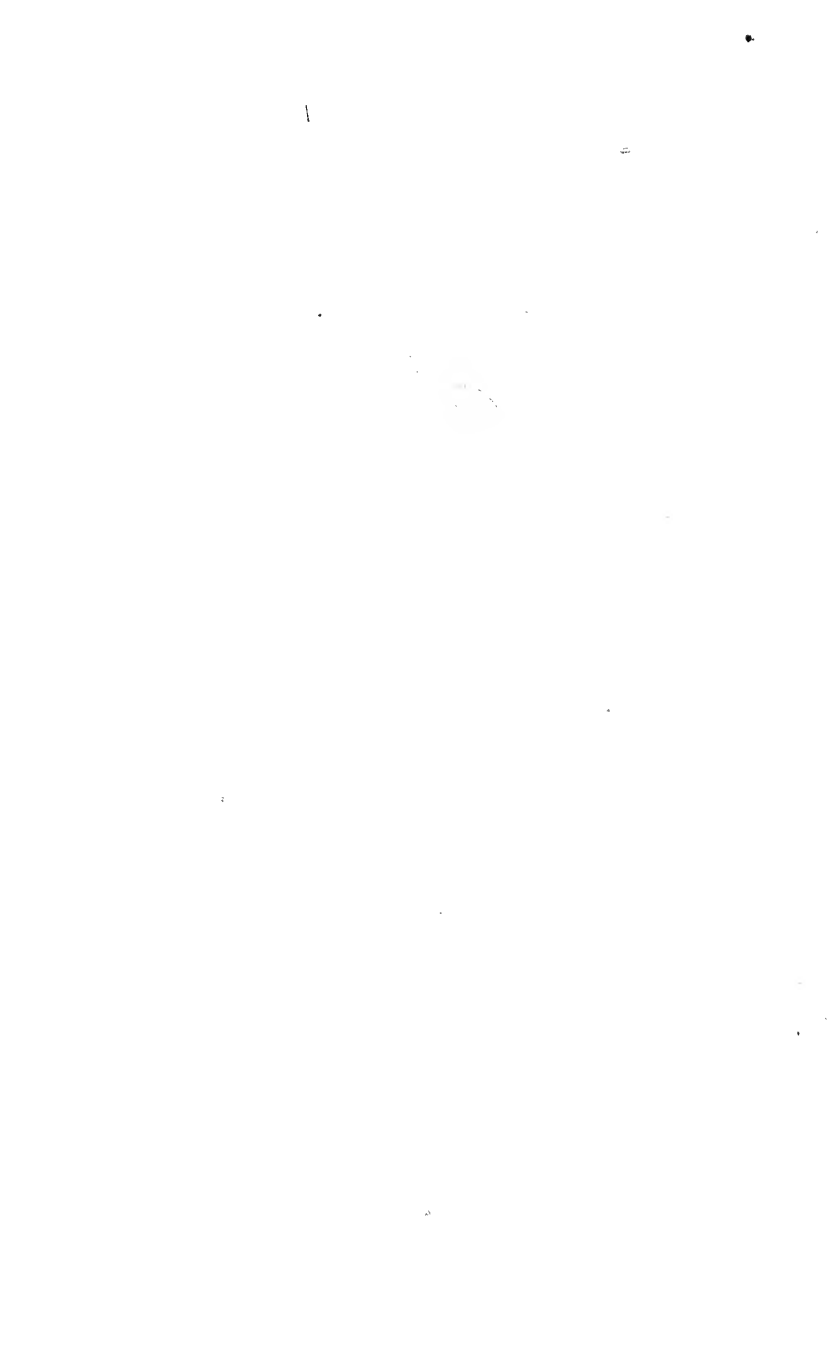
MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores

11, Largo dos Loyos, 14

PORTO

A

João do Rio

(PAULO BARRETO)

BRUNO RAGAZ
(ANARCHISTA)

Oh! que troveje mais forte! Que mais violenta seja a tempestade, a grande, a maravilhosa tempestade!

MAXIMO GORKI.

Èle chamava-se Bruno Ragaz, nascido em Le Vittelac, na Bretanha. Aos dezeseis anos fugira da cidade natal, antes que o expulsassem por crimes imoraes. De facto, já nessa cidade, Bruno clamava mal da religião, dos homens e das mulheres venaes. Porque? Èle mesmo não explicava a evolução voluntaria dos seus sentimentos.

Por uma noute d'inverno chegou a Bordeaux, sem dinheiro, sem esperanças, sem roupas, sem ilustração e sem amigos. Procurou uma amante e encontrou numa ingleza, mais magra que um cabo de vassoura, a mais santa e leal das conselheiras. Ela falava-lhe em amor e dava-lhe todos os dias uma merenda magnifica roubada da cozinha dos patrões. Bruno não a amava, Bruno não a podia amar... Todo o seu desejo estava em obter um emprego. Como?

Lia com muita atenção as folhas diarias, lia os anuncios da *Patrie*, os topicos do *Journal*, os folhetins do *Petit-Bleu*. Sonhou ser jornalista. Tacteando essa vida explendida d'exhibições, via-a dourada. No seu cerebro formava-se a vaidade exhibicionista dos talentosos, vaidade que faz o cantor se apresentar no palco e o escriptor se apresentar na vitrine.

Sonhou ser jornalista e foi jornalista. De que forma, não sabia muito bem explicar. Escrevêra uma carta a um homem celebre de estado e esse homem celebre descobrira-lhe talento.

Êle, de resto, julgava que uma estrela o guiaria á gloria e á fortuna...

Entretanto, quando pensava na estrela, pensava tambem na familia: o pae doente, a avó doente, tios tisicos, bebedos, irmãs rachiticas, primos degenerados, toda uma prole defeituosa e falha. Contra vn tade da mãe, que lhe desejava uma carta de bacharel, abandonára os estudos no segundo ano. Contra vontade do pae, que o queria burocrata, abandonára um serviço humilhante na estação ferrea da localidade. Partira para ter liberdade, timido como Jean Jacques Rousseau e como Stendhal. Os homens impulsivos são sempre timidos.

No primeiro dia de jornal, os velhos jornalistas fizeram pouco da sua roupa còr de macaco, chamando-o, como d'uso entre os reporters, *phoca*. Èle era o *phoca*... isto é, o jornalista mais jovem. Mas, protegido pelo chefe, logo uma sympathia geral cercou-o no começo da carreira.

Passou o domingo na casa do director — um homem alto, seco, viajado, especie de Fradique Mendes superior e unico. O director apresentou-o á esposa. E a esposa do director estendeu-lhe a mão, protectoramente:

— É o nosso *phoquinha*...

Então, èle tornou-se o *phoquinha*. Após o almoço, onde tremêra de comoção falando com typos importantes, sentára-se numa cadeira e para distrahir-se, lêra o

unico jornal que havia perto: o *L'epatant*... Isto valeu-lhe uma palavra sympathica da directora:

— Meu Deus! Mas é uma criança! Lê o *L'epatant*...

Depois d'esse dia, Bruno fez a sua carreira. Colaborava no jornal. Escrevia pequenos artigos revolucionarios e contos realistas. Os seus themas predilectos repousavam no amor e na inferioridade feminina. Recebia cartas anonymas, ameaças de morte e desprezos inauditos debaixo de envelopes perfumados. Envaidecia-se, vendo a prova de ser lido.

Uma vez publicou um conto que mereceu reprehensões — a historia d'uma mulher abandonada, pelo facto d'uma gravidez. A scena do aborto era descripta em phrases cruas: o sangue correndo pelas pernas da enferma, o sexo transformado em ferida sangrenta, o corpo transformado em carne inactiva... O director disse-lhe:

— Não escreva mais assim. Comprehende... A nossa sociedade é burgueza... As nossas mulheres, sabe... as nossas mulheres... são... são... são... francezas de Bordeaux...

O grande emulo de Fradique Mendes, reconhecia nas suas ironias levissimas as verdades mais subtis. Bruno Ragaz calou-se e começou a escrever cousas sérias. Ensaiou a critica... Os inimigos mostraram-lhe os erros de orthographia e muitas vaidades nas suas publicações onde discutia o *Eu*, repetindo em cada periodo *eu penso, eu quero, eu acho, eu não concordo*, etc.

Então, com a bancarrota da sua literatura, Bruno desvairou. Se escrevia critica, errava; se escrevia conto, abusava. Odiando os poetas, quiz comtudo ser poeta,

mas não conseguio construir um verso. Deixou de escrever, pensou em ganhar dinheiro, em viajar, em fazer-se amado.

Viajou e foi amado. Conheceu o Japão, a America, Paris, e tornou a Bordeaux, a fim de continuar a carreira começada.

Agora, em nada encontrava dificuldade. A sua estrela brilhava sempre.

Como fosse um « homem viajado » a sua importancia afirmou-se nos meios jornalisticos. Voltou a fazer contos, mas com novas idéas, novas reformas geraes no estylo.

Tacteando no extrangeiro a miseria humana, tornára-se a principio socialista, e depois anarchista. As suas exclamações predilectas tinham como desejo a liquidação dos governos, a queda dos exercitos, o odio aos thronos e aos monarchas, a felicidade do operario. Amava o operario e odiava o padre. Ah! o padre...

E nas redações, nos cafés, espionavam-n'o. Os amigos murmuravam:

— O Bruno... Mas é doudo!...

O secretario do jornal opinava:

— Este rapaz acaba mal. Um anarchista...

Na rua apontavam:

— Lá vae um dos taes que querem a liquidação geral...

As mulheres conversavam:

— O Bruno! O Bruno Ragaz, o sympathico Bruno Ragaz, anarchista!... É até curioso! E se soubessem, romantico! Muito romantico! Ui!...

E a policia, medrosamente andava-lhe na pista. Duas vezes agentes disfarçados rebuscaram-lhe a residencia, á procura de bombas infernaes.

Tudo isto fazia Bruno sorrir.

Sem que percebesse, porém, os intimos, os camaradas de lucta, fugiam dèle. Um dia, um companheiro discursára :

— Escuta-me, Bruno. Has de concordar... Não é decente o que fazes... Comprometes-nos... Somos casados, todos... e as nossas mulheres, religiosas, todas... A religião é o sustentaculo da sociedade... A religião é a bolacha de cada dia... A religião...

Èle pronunciou ao ouvido do amigo a saudosa palavra de Cambronne e tomou um absyntho. Então, o amigo, para vingar-se, espalhou a novidade.

— O Bruno?... O Bruno, o anarchista, não come... sustenta-se de absyntho...

Na redação foi um alvoroto. Correu-se, murmurou-se. O secretario evitou encontrar-se com o anarchista bebedor de absyntho. O sub-secretario enterrou a cabeça branca nos seus papeis comerciaes. O redactor do dia, *cheio de dedos*, levantou a pena, palido, sem coragem de rubricar originaes urgentês. Diziam: Bruno! Absyntho! Santo Deus!...

E no dia seguinte èle foi demitido do jornal.

Como era cabeçudo, jurou vingar-se arranjando nova colocação. Procurou. Visitou o primeiro periodico que mereceu a sua sympathia.

— Qual! — bradou-lhe o chefe d'esse diario — O senhor quer ser meu empregado?!... O senhor?!... Mas não

vê que me comprometerá, que comprometerá as minhas transacções?!... O senhor é um homem perigoso... Não o posso aceitar...

Bruno visitou segundo jornal:

— Está louco!... Nada de ideias novas, rapaz...

Eram as mesmas perguntas indiscretas, as mesmas lamentações servis, os mesmos discursos ridiculos. Todos aquelles homens de imprensa falavam no *prejuizo de Jesus Christo*, no *prejuizo da sociedade*, no *prejuizo da familia*, no *prejuizo da patria*. Os homens, os homens de talento precisavam ser catholicos, republicanos, casados e patriotas. E antes que tudo deviam odiar os pobres!...

Bruno desanimou. Odiar os pobres! E êle que mais que nunca se sentia exaltado pelo amor dos humildes! Via-se, estudava-se, considerava-se. Ha oito anos batalhava, escrevia, viajando. Sentia dentro de si um fervor desconhecido pelos homens que levavam as jornadas curvados sobre as machinas ou de enxadas na mão. Amava o operario, o lavrador e as almas branquissimas que vivem nos corpos dos garotos. Pensava: « Onde estão os bons senão nos simples? Onde estão os grandes senão nos bons? O rico poderá ser bom, poderá ser simples? A natureza milionaria se inclinará ao *bem*, comprehendendo o *bom?* » Pensava: « Os ricos têm medo da palavra *anarchia* porque julgam que *anarchia* — desordem — tirar-lhes-ha o cofre forte das algibeiras. Não, a anarchia — amor á ordem — igualará a fortuna, eis tudo. » E a anarchia, (amor á ordem, fraternidade) seduzia-o, enpolgava-o, subjugava-o. Bruno era na sua

revolta um anarchista da mesma maneira que na sua piedade pudesse ser um catholico.

Sem arranjar colocação, sem poder conservar em destaque o seu nome, foi esquecido pouco a pouco. Em breve ninguem se lembrava d'êle. Roto, miseravel, magro, faminto, teve que fugir para longe.

Viveu nas aldeias, sustentando-se de pão negro. Viveu nas vilas espàrsas, sustentando-se com o que ganhava carregando lenha. Trabalhou numa cidade pequena, como carvoeiro. Um dia, longe, convidaram-n'o á ser soldado. N'aquela épocha preparava-se uma grande expedição ao Senegal. Os soldados conquistariam gloria e talvez fortuna, pelo saque. Bruno negou, horrorisado, preferindo mil vezes a fome em perspectiva á deshonra d'um sabre azinhavrado.

— Porque não aceitas? — perguntáram-lhe.

— Porque não. A farda calha bem aos porcos...

— Tu não és patriota...

— Eu não sou patriota...

— Quem és tu?

— Um operario...

— Um traidor... Cão!...

Depois d'isso não pôde mais trabalhar na pequena cidade. Até mesmo os operarios! Tal descoberta maguou Bruno. Parecia-lhe uma hediondez, o operario amar o soldado e a patria. Proseguio mais triste que nunca, mais judeu errante que nunca, mais revoltado que nunca. Gostava-se talvez dos soldados por terem êles botões de metal que brilhavam como riquezas.

De vila em vila continuou a batalhar, discursando

com methodo e sobriedade. Poude demorar numa encantadora aldeia, ponto dourado na margem do Loire magnifico, oito mezes. Ali fainou como ajudante de barqueiro. Que vida bela! De noute, quando todos dormiam, e não havia luzes pelos caminhos, deitava-se na pequena embarcação e olhava o céo. O céo olhava-o pelos olhos das suas estrelas. E os dous se namoravam...

Emfim, após muito peregrinar, após muito sofrer, cansou. Não nascêra de certo para carregar lenha, — fraco, rachitico. Uma saudade extranha da capital provinciana empolgava-o nos minutos taciturnos. Queria rever os antigos amigos, o velho jornal onde conquistára nome, queria saber se estava de todo, completamente olvidado. Uma especie de nostalgia dolorosa prendia-o á lembrança das tiras brancas e das canetas promptas ás batalhas literarias. Ah! com esses papeis brancos e essas canetas, diria todos os pensamentos para bem se fazer entendido. A sua obra d'amôr não seria grandiloqua?...

E por uma languida manhã iniciou a viagem de retorno.

Chegou a Bordeaux e procurou os remotos conhecimentos. Como estavam diferentes, os amigos!... Casados, gordos, córados, chefes de familia, papás!... E tanto eram chefes de familia e córados, que não quizeram ouvil-o. Procurou o antigo protector. Este, abandonára a vida d'imprensa, para não se enterrar n'uma sociedade instavel. Bruno Ragaz achou-se vencido mais uma vez, no logar em que vencêra.

Se com talento, o anarchista intimidasse os amigos inferiores? Para isso precisava aparecer na imprensa. E a imprensa...

— Não... não... — soliloquava o vencido. — Que poderei depois deles? Nada. Êles fazem, porque êles *são o que são*... Não sou eu um atomo, um doudo, um sonhador, um inquieto? Porque me aperfeiçoei? Porque sonhei o bem, a fraternidade? A igualdade ha de ser uma *blague* emquanto existir dinheiro... Eu seria mais feliz se tivesse ficado na minha peregrinação longinqua, mesmo entre os camponios que amam os soldados...

No intimo do homem, a vida dos outros refulgia diversamente. Êle via os estudantinhos que se formam com as notas mais tristes e resumem os desejos numa estabilidade sertaneja... Êle via os caixeiros magrissimos, sem mais pensamentos que os pensamentos ambiciosos... Êle via os burguezes rechonchudos, os banqueiros calidos, os *escrocs*, os ladrões, os feministas que vivem á custa das mulheres galantes... Êle via os cynicos que vencem pela intrepidez... O que guiava toda essa multidão á victoria? A bondade? Não. Toda essa multidão possuia um lema: o egoismo.

E êle que nunca fôra egoista, como vencer? De maneira nenhuma. Restava-lhe um remedio, um unico remedio, uma unica saída.

Escreveu uma carta que era a confissão sincera dos seus tristes sofreres e que terminava assim:

« No mundo, existem chimeras. Eu sou uma victima da chimera. Mato-me por uma tolice. Mato-me porque a vida é

para o egoista. O egoismo, porém, será adaptavel a todos os temperamentos?»

E alojou uma bala na cabeça...

Paris — Julho 1911.

EM MEUDON

N'essa manhã d'agosto, quando o sol amarelecido espiava pelas fisgas do meu apartamento, Dumas Chanchat, creado, batia na porta do meu quarto de dormir.

— Entra ! — ordenei.

E Dumas, entrando, apresentou-me o bilhete : « Esperamos-te na praça da Opera, do lado do Metro, ás 10 horas. Iremos ao campo. Previno-te que, para saúde geral, Juliette Micheline levará no seu fardel pães, batatas fritas e maçãs. — Teu, *Carlos Baden-Baden Mú.* »

Bocejei, tomei café, e, ás 10 horas, encontrei-me no logar convencionado. Como os companheiros esperavam-me alegres ! Juliette Micheline, com o seu vestido branco e um chapeo de palha de largas abas, sorria, cheirando um ramalhete. Andrienne Loger, a esbelta violinista conseguidora d'um premio no Conservatorio de 1910, dava o braço a Carlos Baden-Baden Mú — poeta e meu amigo. Tanto Juliette como Andrienne e como Carlos Baden possuiam disposições agradaveis. Eles receberam-me e Juliette clamou :

— Hoje seremos sabios e serios. Só falaremos d'arte. Comeremos batatas fritas e beberemos agua do Sena. É um castigo e é um consolo. Ordeno-lhe que me dê o

braço, pois como sabe, o meu abandono no mundo fez-me inofensiva.

Ela ria com aquele poder magico tão conhecido do publico que a aplaude nos concertos particulares de m.me Croinet, em Neuilly.

— Se o senhor e o seu amigo se conservarem tristes como costumam, *quebraremos as cordas vocaes da imaginação em gritos de soccorro*. Agora, em caminho...

Marchamos a pé, da Opera ao Louvre, onde tomámos uma barca *direcção Suresnes*... Em Bellevue saltamos e subimos no elevador.

Primeiro, tinhamos como caso mais grave, o humor. Era necessaria toda folia, toda presença d'espirito, toda bemaventurança. Se conseguissemos resolver o sonho dourado d'arrancar das selvas um pouco de jubilo para as nossas almas enjoadas do ar latrinario do Paris estival? Juliette, a pulchra artista lirica, o fino passarinho das rapsodias musicaes de Mendelsohn, Berthloy e Domenico Scarlatti levava o almoço numa cesta oblonga. Andrienne levava o seu violino. Carlos Baden lhe levava o seu espectro sonhador, lembrando o romance com a violinista — desde a noute ephemera em que, no salão da baroneza de Manville, empunhando o instrumento inspiradissimo, ela espantára, com a interpretação do *Menuet du Septuor*, de Beetowen e com a canção terna e bachica chamada *Le Petit doigt de vin*. Numa conversá amavel haviam feito amizade d'irmãos. Entre protestos e suspiros metiam vilancetes de Charles Tessier e ares de Pierre Guedron e de Antoine Boesset. Até quando duraria o idilio abscondito?

— Não sei. Nunca pensarei nisto — dizia Andrienne. Não gosto de pensar no futuro. Ganhemos o bosque de Meudon, ganhemos a floresta!...

Como velhos albergues dos albuns de Caldecott, os pequenos restaurantes de beira de estrada chamavam nossa atenção. Encantadores, « podendo-se levar almoço », esses cafés afastados atraíam pelo pitoresco, pela frescura, pela graça selvagem. Liamos os titulos saborosos: « Ao prato de ouro », « O velho carreteiro », « A sopa maravilhosa », etc. Nas portas, os proprietarios com ares de leões de Nemea, convidavam:

— Tragam almoço! Vendemos excelente cerveja!

— Amolem-se! sentenciava Andrienne.

E mostrando os alvos dentes, guiava o bando para a Chanaan onde os confrades nas tendencias e nos pensamentos, buscariam repouso, *voluntatum, studiorum, sententiarum, summa consencio.*

A passos lentos descemos a extensa avenida do *Chateau,* larga, cheia de sombras e repouso. Pares esgueiravam-se pelos caminhos transversaes. Seguindo a rua des Capucines vimo-nos deante da história evocada nas ruinas do castelo de Meudon, incendiado e saqueado, durante a guerra de 1870.

Duas acacias guardavam a entrada do portão medieval. As paredes, ao lado, vacilavam, esburacadas.

— Não se poderá visitar o castelo? visitemos o castelo! visitemos as ruinas...

E Juliette incontinente agarrára a grade com as mãos febris, gritando para dentro:

— Aho! Ahoo! Não ha ninguem? Olé!

O silencio continuava tranquilo. Dir-se-ia que dentro daqueles muros jámais habitára alma alguma, jámais alma alguma poderia habitar. Entretanto, com os olhos que investigavam, viamos paredes e destroços e hervas. A herva, na ruina, possuia uma sapiencia piedosa: conservava-se curta e muito verde.

— Sigâmos, então...

Desiludidos duma visita que nos encantaria, continuámos pela avenida Marcellino Berthelot, até á celebre estrada que foi construida para Luiz XIV ir de Paris a Versalles, primeira estrada arranjada com pedras e ainda existente na primitiva disposição. Juliette parecia cansada e triste:

— Não amo Paris! — dizia ela. Não amo o rumor da cidade. Mas quando me afasto do boulevard, é como se perdesse vida ou sangue...

Parando, encostou ao tronco de uma arvore a cesta com o amoço frugal. Respirou passando o lenço pelo rosto, vivendo da selva voluptuosa. Tomavamos alento para continuarmos até mais longe, até a extremidade da floresta. Queriamos um sitio onde raros visitantes conseguissem chegar. Mas de subito, por sobre nós, ouvimos um piar doloroso e convulsivo, alguma cousa d'infantil e comovente. Levantamos as cabeças e deparamos com uma avesita que tentava equilibrar-se num galho finissimo e que piava... piava...

— Que tem ela? É uma andorinha!...

— Ela está doente!...

— Ela sofre calor!...

— Ela está com uma aza caída. Não vèem o sangue?...

Antes que pudessemos terminar, perdendo o equilibrio a avesita tombava. E depois tudo foi loucura e desvario.

O passaro pretendeu reconquistar o vôo e não poude. Vendo os inimigos começou a fugir, aos pulos, aos pequenos pulos, piando... piando...

Os inimigos perseguiram-no. E a lucta entre nós tornou-se terrivel. Pulavamos sebes, evitavamos troncos, evitavamos barrancos. O calor da corrida enchia-nos duma irritação nervosa geral. Tinhamos dentro de nós mesmo os ardores duma colera inaudita. Presentiamos no nosso sangue algo de grotesto e grandioso. Presentiamos na natureza circinal um contraste selvagem e turvo. Corriamos, corriamos. Juliette segurava os vestidos, Andrienne seguia-lhe os passos. O suor colava nossas camisas aos nossos corpos. O passaro ia sempre separado de nós pela mesma distancia, tentando galgar espaços, procurando a aza partida. Corriamos, corriamos.

— Ele cansará! Ele precisa viver!

Glandulas lacrimaes golfavam abundantes dos olhos de Juliette. E Juliette não cessava de dizer:

— A pobre andorinha! Que seja salva! oh, sim, que seja salva!...

Atravessamos um caminho direito e recto, d'uma alvura pardacenta. O sol, espiando pelas folhagens deitava metaes ondulantes. Tudo estava imerso no silencio macio e calido. Corriamos como desequilibrados. E Juliette dizia:

— Oh, a toda a pequena avesinha!... Seguremol-a que vae morrer nas mãos dos garotos... Oh, a toda, a pequena avesinha!...

Emfim a andorinha foi aprisionada. Juliette, a douda timorata aprisionou o passarinho. Segurou-o pelos pés e soprou-lhe nas penas, ar. A andorinha piava. Ajudada pela companheira, Juliette descolou as plumas donde abrolhavam gotas de sangue. Nutando entre a felicidade e a fadiga, pronunciava exclamações infantis, encorajando a ave ineluctavel. E a ave calava-se pouco a pouco.

Andrienne ajudava-a. Embora cansada, embora molhada de suor, conservava a palidez natural, *paleat omnis amans.*

— Não mais voará! Sua aza está partida! Ela tem a aza direita partida!

Num segundo Juliette resolveu:

— Leval-a-ei. Tratarei da aza... até que possa voar... Leval-a-hei... para casa... Quando estiver curada voltaremos aqui e dar-lhe-emos liberdade... Será um dia de festa!

Abria os dous olhos azues, considerando-nos.

— Os passaros gostam da liberdade... os passaros e nós...

E recuou até um canto da estrada. Seguimol-a. Através das folhagens avistava-se Paris na bruma, lá longe, desegual e desdenhoso — com a torre Eiffel, ponteaguda, reinando sobre toda a imensidade.

O SAPATINHO

A Eloy Pontes

Pelo fino sapatinho escondido no canto de uma vitrine ele teve uma especie de culto encantador. Vinha namoral-o horas seguidas, mãos nos bolsos, cachimbo ao canto da boca, suportando o frio de janeiro e ás vezes, a fome d'um dia de miserias.

Chamava-se Jarbas e morava numa agua furtada. Estudante de direito havia cinco anos, ficara na primeira série do seu curso, sem meios para proseguir a carreira encetada.

Quantas saudades o minavam! A mãi, do sul, mandava-lhe todos os mezes os 90 francos queridos e magros, perguntando-lhe muito ternamente o que ele edificava, si já entrara no ministerio como lhe prometera num longo discurso cheio d'imagens empoladas. E, uma vez, concluira: « Crê, meu Jarbas, como já te julgo deputado! Que surpresa!... »

O rapaz, sem nada fazer, sofria. Paris era o seu capricho e o seu calvario. A principio rastejando pelos cenaculos do bairro latino, depois pelos *ateliers* dos artistas secundarios, maldizendo com ardor a politica e os homens, acabara com quasi indiferença por tudo. Instalara-se no seu humilde quarto, esperando.

Esperava...

Então, descobrindo um dia aquele sapatinho pequeno, luzido, elegante, observou-o, desejou-o. Emfim indagou-se intimamente: « para quem?... » Não acalentava nenhuma paixão, não alimentava nenhum idilio amoroso. Sahio de junto da vitrine sem mais pensar na passageira phantasia. Mas dahi a uma semana, em transito pela mesma rua, novamente vio o sapatinho. E começou para o rapaz uma obcessão torturante pelo *mignon* objecto. Sonhou com ele, sonhou com o amor, teve mil aereos projectos. Antes que tudo, porém, eram necessarias duas conquistas principaes: uma mulher e o dinheiro...

Tratando primeiro da mulher, julgou achal-a em Marineta Foy, uma lourita gentil que morava tres portas depois da sua. Iniciou o namoro, encontros propositaes na escada.

— Menina Marineta!

— Oh! senhor Jarbas!

— Perdão! pode passar...

— Não... passe o senhor!

— Absolutamente... passe, menina!...

E os dous a discutir, até que ela se decidia a ir na frente...

Em baixo:

— Adeus, senhor Jarbas!

— Bôa viagem, menina Marineta... O tempo não está máo...

Olhava-a desaparecer com o seu regular saracoteio de costureira...

Uma noite abordou-a. Quiz falar em amor. Teve uma phrase ridicula, um qualquer desproposito que arrancou risadinhas da outra, enfiando-o. E por isso acrescentou como a se salvaguardar:

— Por que ri, menina?

— Por nada... O senhor... Ah! Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih!

— Pois — interrompeu ele — si a menina estivesse aqui dentro de meu coração, choraria em vez de rir!

— Sim? — perguntou ela, interessada.

— Sim... O meu coração sente muito pela menina...

— Por mim?... Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih!

— Ele ama muito a menina...

— Pois vou consolal-o... Ih! Ih! Ih! Ih!

E Marineta estendeu-lhe a mão que ele arrebatou. Ela ria, ria sempre com essa facilidade cynica das *midinetes* conhecedoras dos vicios e das fraquezas do proximo, apiedadas e ao mesmo tempo enojadas da pobreza e da riqueza. Entregou-se-lhe d'ahi a dous dias, chamando-o entre tres beijos e uma mordidela que o fez chorar, « o seu unico amor »...

Foram amantes. Que alma indecifravel, a d'ela! Mudava, variava, mansa, encapelada, hedionda. Ele jamais a comprehendeu. Não sabia de que modo abrir-lhe os braços nesses curtos dias d'aconchego sentimental. Acabou depressa por temel-a. Procurando ser amavel dizia-lhe palavras bem feitas. Ela respondia:

— Oh! como estás presumpçoso!

Depois arrependia-se. E em seguida, como o visse triste, choramingava:

— Não sei que comparação encontre! Pareces uma coruja...

Então Jarbas jogava-lhe *calhembours*, trauteando cançonetas joviaes.

— Irritas-me... Acaba com isso...

Um casal desegual, singular. Ele só tinha delicadezas, infantilidades, alguma coisa de pueril e supplicante. Ela só tinha contrastes, sem uma alma definida, sem um caracter estabelecido. Era uma pequena *midinette*...

E o idylio durou quinze dias. Com o seu movimento Jarbas sofrera muito, torturado pela idéa da pobreza. Adivinhava que Marineta seria sua, sem arrufos, sem maldades, si a podesse mimosear, vestindo-a, passeando-a, polindo-a. Marineta era mulher. Quem já conseguio desmentir a verdade de que o intimo da mulher é de quinquilharias e de rendas?

Jarbas desvairou. Nesse tempo tornou-se maior a sua outra paixão: a do sapatinho que, luzindo mais que nunca, o espiava do fundo da vitrine com um sarcasmo lugubre, lascivo. Jarbas namorava-o, mãos nos bolsos, tendo os projectos mais desencontrados, até estabelecer de todos o mais possivel. Escreveu á mãi uma longa carta untada d'afectação. Mentia-lhe sobre uma grande festa a se dar na Faculdade, «uma festa historica com concurso dos lentes, das senhoras da alta sociedade e do mundo oficial». Abusando da crença da ingenua provinciana, Jarbas entontecia-a com as seguintes palavras: «Toda esta orgulhosa sociedade do bairro d'Etoile comparecerá. Todas estas mulheres que governam o globo pela formosura e pela riqueza honrarão a nossa

cara Universidade. A minha querida mãi faria um sacrificio remetendo-me adeantado os dous mezes que se seguem, etc... etc...»

A pobre mãi fez o que qualquer mãi faria. Antes, porém, mandou um telegrama ao filho, tranquilizando-o. Jarbas alegremente correu ao encontro de Marineta.

— Preparo-te uma surpresa, Marineta.

— Que supresa?...

— Uma surpresa...

Ela abraçou-o desculpando-se do que fazia de máo. Cantou-lhe aos ouvidos as coplas do «Nunca saberás», a breve, melancolica e singela canção das costureiras. E esperou pela surpresa.

Passou-se o primeiro dia, o segundo dia. No terceiro abordou-o:

— A surpresa, querido?

— Ámanhã... ou depois...

Mas ainda no outro dia não veiu a prebenda materna. Marineta reprehendeu com doçura:

— Como?... Pois tu me fazes isso?... E eu que julgava que me amavas...

Emfim, no decimo quinto dia do idylio, ás onze horas, êle recebeu o dinheiro, cento e oitenta francos, dous mezes... A mãi pediu-lhe desculpas da demora, «que todos em casa andavam adoentados e por isso as despezas um pouco pesadas»... Jarbas, pulando de contente, organisou o seu programa: um passeio aos campos, um espectaculo no Gaité, um jantar no Zucco, bonbons e... antes, o sapatinho, o querido, o apodico sapatinho.

Correu logo á casa em cujas vitrines se pavoneava o luzido invejado, justamente do tamanho dos pés de Marineta. Contemplou-o victoriosamente, lambendo os beiços com impetos de bradar aos que passavam: « É meu, será meu, pertencerá a Marineta... não conhecem Marineta?... »

Entrou, comprou-o. Sahio aos pulos assobiando. Perambulou por ali, por àlem, fazendo horas para se encontrar com a amante. Esta chegaria do armazem ás cinco...

Paris pareceu-lhe então soberbo. Com que magestade silenciosa seguio com a vista as mulheres bonitas reclinadas em automoveis, as raparigas que se ofuscavam em galerias envidraçadas, os grupos ruidosos que desciam para os domicilios! Não pensava nos estudos nem naquelas cousas minusculas que o tornavam ás vezes tão macambuzio, agora victorioso, pleno de novas forças, de novas energias, de novos designios. O seu thesouro entre mãos era leve e intocavel como os dum mago. Quando despertou do sonho em que o mergulhára a felicidade, um relogio, na frente, marcava 5 horas e 15 minutos. Atrazado... Deitou a correr galgando a quatro e quatro os degráos da escada de casa. Passou como um furacão por deante da sua porta, parando na terceira, depois. Respirou aliviado, escutou. Bateu tres pancadas leves e tremulas.

— Quem é? indagou Marineta.

— Eu!...

Nada. O silencio cahira sobre o estreito corredor. Êle soliloquava: « como vai ficar louca d'alegria! Julga que não sou eu... » E bateu pela segunda vez.

— Quem é?...

— Eu, Marineta!... Abre...

Ela não vinha abrir. Êle estranhou o facto, subitamente preso dum desassocego augmentativo. Que tolice! E bateu pela terceira vez.

— És tu, Jarbas!... Não te posso atender, vae embora... Já me irritas!... ora essa!... Bate na porta da visinha...

Aquilo produzio no rapaz um brusco, um terrivel desespero. De repente fez-se-lhe a luz no cerebro. Surgio-lhe a imagem inocente da mãi, entre èle e aquela porta fechada. Vio a quanto o conduzira o desdem da rapariga, mutativo e desinteressante. Olhou o embrulho diminuto e os seus olhos se marejaram dagua. A vozinha de Marineta berrava agora, com esgares califonicos:

— Tu... as tuas surpresas... Ah! Ah! Ah! Ah!... Um reles estudantinho... Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Jarbas... procura outra, meu filho...

E abrindo a porta e mostrando a cabeça nua:

— Quanto a mim, já me arranjei!... Ah! Ah! Ih! Ih! Ih! Ih!...

Êle nada disse, nada fez. E quando a porta se fechou, poz-se a chorar como uma criança, a morder o objecto comprado, estraçalhando-o com os dentes, estralhaçando-o com as unhas.

---

*

A INSCRIPÇÃO PIEDOSA

> Nós afrontamos com os presagios: ha uma providencia especial até para a queda d'um pardal. Se a minha hora chegou não está para chegar: se não está para chegar, chegou. Que seja agora ou para o futuro, estejamos promptos. Eis a que se resume tudo. Visto que o homem não é dono do que deixa, que importa que o deixe cedo?
>
> *(Hamlet,* acto v).
>
> SHAKSPEARE.

I

Neusa Herminia, cincoenta e sete anos, morreu hontem na Santa Casa.

Conheci Neusa Herminia ha tempos. Vi-a uma noite pela primeira vez, sentada no seu banco de porteira, numa pensão. Era um belo typo de velhinha bondosa, de velhinha amavel. De côr branca, d'olhos pardos, de cabelos raros amarrados num repelão por baixo do fichú azul, falava harmoniosamente, com uma velhaca finura que lisongeava.

Chovia. Eu voltava d'uma excursão e procurava onde repousar por aquela noite d'inverno. Deparando-se-me aquela casa alegre, de grandes janelas abertas ao ar da cidade, encaminhei-me para lá.

— Descansa? — indagou Neusa.

— Não senhora. Ao mesmo tempo... ficarei. Nem sei...

— Á vontade, senhor. Póde subir...

Ela guiou-me com uma vela acesa. Atravessámos dois corredores até ao quarto 15.

— Póde entrar...

Imediatamente retirou-se com discreção. Ouvi o seu chinelo arrastando-se pelo caminho percorrido, descendo para o posto heroico. Despi-me, deitei-me, adormeci.

No outro dia, fizemos a nossa mutua apresentação. Ás 11 horas acordei e ao sair, ela apareceu-me no corredor.

— Bom dia...

— Passou bem a noite?

— Sim, obrigado. Vou sair. Voltarei.

Antes, porém, de passar fui atalhado por uma pergunta que me deixou estupefacto. Neusa, dizia:

— Senhor, é casado?

— Não... respondi.

— Então...

E parou enleiada, quasi ruborizada na pele lactea de pergaminho. Imitando-a, juntei o meu silencio ao seu silencio.

Nada pronunciámos, em frente um do outro, á espera eu, desse mysterio encerrado em pergunta tão extemporanea, ela á espera, que eu lhe tolhesse o embaraço com uma phrase libertadora.

— Porque? — interroguei, com certa impertinencia.

— Por nada...

E afastou-se, arrastando os chinelos, escada abaixo, a bôa velhinha Neusa...

II

Dois dias demorei nessa pensão e entre nós estabeleceu-se uma intimidade captivante. Ella interrogava, abelhudando, decorando palavras minhas. Era toda feita de sentimentalidades e de doçuras. Era catholica. Rezava todas as noites, ia á missa, ia aos cemiterios e depositava sobre o tumulo da mãe, aos domingos, uma braçada de flôres.

— Ah! senhor — dizia — que seria de nós, si não fosse a religião? Almas penadas! Almas penadas!

— Tens razão, Neusa...

E a minha aliança enchia-a d'uma alegria untuosa. Quando no segundo dia lhe comuniquei que me ia, que já achara casa, traio no rosto um espanto terrivel.

— Como? Já se vae?...

Pedio-me com a voz tremula, que a visitasse. Isolada, nos seus cincoenta e sete anos batidos, não tinha com quem conversar, uma creatura amiga que a ouvisse, com quem trocasse idéas, que a suportasse n'alguns carrancismos. Naquela casa de pensão, vivendo do emprego arranjado ha seis mezes, só faltava morrer d'abandono. Divertia-se pouco com o eterno vae vem de hospedes, caras sempre novas, renovadas, suspeitas. Sobretudo, assustava-a o odio que todos esses hospedes pareciam ter uns pelos outros, inveteradamente.

Diante da suplica de Neusa, acedi. É notavel, direi mesmo, é encantadora, a narrativa da camaradagem

que nos tornou excelentes amigos. Desde esse dia de despedida, sempre que tive ocasião visitei Neusa. Ela recebia-me, abrindo-se num riso amplo de franqueza. Indagava-me da saude, dos negocios, dos amores.

— O seu nome — disse-me um dia — arranca-me recordações sem fim. Não sei... parece-me que... e comtudo...

Nesse interim, atrapalhando-se, silenciava com aquele ar assustado da primeira pergunta.

— Comtudo... o que? indagava eu.

— Nada — obtemperava.

Suspirando, punha-se a falar sobre a sua mocidade.

— Fui moça, ouve?... tinha 17 anos quando julguei amar... tinha 17 anos... Não imagina o que são os dezesete anos... duma mulher: arroubos, languidez, devaneios, esperanças, subitas paragens de pensamentos... Comprehende?... Sinto-me enthusiasmar, desculpe-me. Ha muita gente que vive da comoção que a lembrança do passado póde trazer. Mas, voltando ao assumpto, julguei amar um rapaz... Ele foi-se um dia, para não mais voltar...

E a boa velhinha desatava o rosario das recordações. Havia entretanto um mysterio em todos os seus dialogos. Contava amores e epilogos com infelicidades. Alfim desabafou:

—Tantos! E nenhum feliz!... Enganada, desenganada, desesperei-me... Como é triste o calvario!...

*

* *

Dias depois, procurei Neusa. Encontrei, porém, o banco de porteira com outra figura. Indaguei da substituta.

— Foi despedida, informou-me a nova empregada. Deixou, porém, uma carta... O senhor veja se é para si.

Rasguei o envelope. Li :

«Sou jogada na rua, meu querido amigo. Para onde irei? Nem sei. Meu Deus! Tenho cincoenta e sete anos, já é muito... Estou velha, sem esperanças na vida, incapaz talvez de qualquer ação digna d'elogios, pela minha edade. Oh! a edade. Ela é tudo... Quando eu era moça, era infeliz, mas tinha amigas, conversava, iludia-me. Cresci, porém, d'anos, augmentei de desgraça, estou prestes a terminar. Entretanto, que poderei dizer da vida, aqui, nesta cartinha de despedida? Nada. Sómente uma revelação que nunca lhe fiz. Sou solteira, seca, mirrada pelos amores que julguei ser digna de possuir. Ouça bem... Nesta edade que vae para o cemiterio, posso reconstituir a chaga para lh'a apresentar em duas palavras. A minha desdita provém dos meus paes: minha mãe morreu no hospital, meu pae morreu de *delirium tremens*. Bebiam ambos. Em semelhante meio, achava-me deslocada, muito infeliz, muito doentinha, necessitando do carinho que não me era dado. Fizme moça. Então essa necessidade de carinho augmentou, augmentou muito; tornou-se o elixir precioso. Eu sonhava. E como eram os meus sonhos movidos de meiguice! Sonhava um noivo, um companheiro dedicado que me cumulasse de carinhos, passeando comigo, vivendo para mim como irmão. Beijar-lhe-ia as mãos e pediria carinho, sómente carinho. Vieram os namoros, as promessas, os enganos. O meu primeiro amor, durou pouco, o segundo mais... Amei tanto! Tive muitos noivos que me deixaram, que me abandonaram. Porque? Era uma unica vida de miseria sentimental. Repelida aos dezesete anos, fui repelida aos vinte, aos vinte e cinco, aos trinta... co-

mecei muito cedo a envelhecer. Nunca amada, acredite. Um horror de desgostos encerra esta velhice prematura. Só, fui tudo, arrastando-me com as vestes em penduricalhos de porta em porta, de desventura em desventura. Depois, nessas peregrinações..

....

«E peço-lhe uma coisa, meu querido amigo, é que não me odeie pela audacia desta carta. Mas julgo que é muito bom, *tenho a certeza* desde o dia em que o vi,— pensando em tantas coisas, pensando até que já poderia ter um filho da sua edade. Hoje nada tenho. Sómente a certeza de que, recolhendo-me ao hospital, deixarei em si um amigo que não me amaldiçoará, que não me desprezará. Eis a saudade da pobre creatura que nunca possuio afago, possuindo exclusivamente infortunio— *Neusa* ».

III

A leitura desta carta tão franca, chocou-me, preocupando-me. Saí meio tonto de comoção, apiedado infinitamente pelo remate da pobre velhinha. Pensava em todo o nosso conhecimento curioso, em toda a nossa camaradagem de confidencias penosas. E pensava ainda mais no seu estado, no fundo do hospital, branca e delicada como um pequeno *croquis* de Lino Selvatico.

Uma força insuperavel arrastou-me á Santa Casa. Indaguei, procurei. Neusa Herminia morrera naquele dia, como um passarinho. E morrera sem ninguem ao lado, sem uma palavra de consolação, abandonada como sem-

pre fòra. Então resolvi, eu, que fôra o unico a comprehendel-a na passagem pela terra, resolvi escrever sobre o seu tumulo uma inscripção compassiva :

DESPREZADA EM VIDA, PORQUE AMADA DEPOIS DE MORTA?

E ahi está nessa inscripção, a historia de sua desdita, misericordiosa, sem reticencias.

SUA ESPERANÇA

Para a miscelanea de Claire Daligand-Louis.

— Pequena amiga, é você?

— Sim, sou eu...

— Gentil em ter vindo!

Arrebatando-lhe o chapéo e a capa, cobria-a com dous beijos ardentes. Ela defendia-se, risonha.

— Não... Deixe-me descansar...

Apresentou-lhe uma cadeira. Ela sentou-se, sorrio ainda, passou as mãos pelos cabelos.

— Demorei-me muito?

— Tres minutos d'atrazo...

— Ah! Ju'gava mais... Sente-se ao meu lado... Quer ficar de pé?

Êle sentou-se. Ela fitou-o e sorrio mais uma vez, porque sorria a qualquer instante, abrindo a boquinha rosea e dilatando as faces roseas e frescas. Chamavam-se Bournino e Pierette, ainda jovens, aos vinte anos... Trabalhavam no mesmo *atelier* da rua do Helder; como todos os operarios parisienses: activos e alegres. Quanto ganhavam? Uma bagatela, o essencial para não morrerem de fome. E de tanto se olharem na mesma grande mesa de faina e de tanto conversarem á sahida do oficio, quando as grandes casas dos *boulevards* acendiam

suas alampadas enormes, tinham acabado por se quererem com uma amizade maior que uma irmandade e tão franca como uma irmandade.

Bournino, entretanto, impaciente, exigia receber o seu *beguin* — como afirmava com uma contração de doçura e medo — exigia recebel-o no seu quarto de solteiro, nesse setimo andar da rua Montorgueil onde sonhava e onde penava. Mas Pierrette defendia-se, medrosa.

— Não... Não... Quando formos casados...

— Que mal faz! Você entrará, eu conversarei e você partirá! Tão simples! Domingo... Domingo...

Enfim ela acedeu. E foi. Era pelo inverno, no começo dos grandes frios e das tempestades de neve.

Agora, tendo a certeza do desejo rebuscado, Bournino intimidava-se. Poderia acreditar que essa moçoila de vinte anos, rechonchudinha, rubra, cheirando a provincia, fosse a sua Pierrette, a companheira de *atelier*, a deliciosissima companheira de palestras? Mas então a felicidade era possivel? Mas então o amor era provavel?

— Se soubesse! — E tomava os dedos da pequena amiga, acariciando-os, falando devagar — Se soubesse! Como estou contente!... Sim!... Como estou contente! Se não viesse, morreria de tristeza...

Ela diria as mesmas cousas; o acanhamento porém tolhia-lhe palavras e gestos. Êle continuava, tremulo:

— Não será como nos romances, com toda a franqueza... Para que mentirmos, sofrermos? Casar-nos-emos e viveremos... como os casados que são felizes...

Faremos as contas, os projectos, os calculos, com algarismos, silaba por silaba... Quanto pagaremos de quarto? Cento e cincoenta francos anuaes, num bairro afastado, em Belleville... Sim... morarcmos num quarto... a cama... um *toilette*... uma mezinha... um fogão... duas cassarolas, cinco pratos e duas chicaras... Nas paredes colaremos gravuras da *Illustration* ou do *Femina*... Viveremos como operarios que somos... Você fará o almoço ao meio-dia, quando folgarmos do *atelier* e o jantar ás oito e meia, quando sairmos do *atelier*... Comprarêmos a comida, em caminho... E será gentil!... Como nos romances, agora...

Ela respondeu, semicerrando as palpebras:

— Sim...

Êle continuou:

— Eu ganho tres francos por dia... Você ganha tres francos por dia. Isso faz cento e oitenta francos, por mez...

Ela sonhou:

— ...cento e oitenta francos por mez...

E depois, tomando alento:

— Viveremos. Serei sua e não farei falta a ninguem. Somos tres irmãs, tres operarias, e moramos separadas porque não somos unidas... Minha irmã mais velha amaziou-se com um alfaiate e vive em Batignolle... A outra embarcou para Dakar, com o amante, sargento do Exercito colonial... Ambas trabalham. Sou a unica solteira. Vivo só... e é triste, muito triste... é muito triste viver só, não acha?...

Da rua subiam os rumores do comercio miúdo. As

grossas vendelhonas de cebolas e de frutas, arrastavam penosamente as carretas onde guardavam mercadorias. Um agiota gritava, numa escada em face, comprando uma roupa. Adivinhava-se a visinhança do Mercado...

Bournino tomou a palavra:

— Acho... e é por isso que nos vamos unir... Estamos bem, um para o outro..., e depois, sabe?... Eramos tambem tres irmãos... tres irmãos sem pae... Onde estão eles? Desde que nos separámos, já lá vão doze anos, não nos encontramos uma só vez... e talvez não nos conheçamos se nos encontrarmos um dia... Como não tenho familia, necessito dum conchego... Amanhã irei á *Mairie*... Ah!

E'a atalhou-o:

— Á *Mairie*... Quanto gastarèmos?

Êle respondeu com desgosto:

— Não sei.

E dialogaram:

— Será caro?

— Talvez.

— Meu Deus, deve ser caro!

— E o casamento religioso tambem... o civil e o religioso...

— Ambos... A felicidade custa...

— Paga-se para ser abençoado pela igreja.

— Sômos tão pobres!

Tinham dito bastante para entristecerem. Uma mesma duvida os empolgára nessa série de pensamentos e de verdades pronunciadas. De repente viam o aureo sonho bipartido. Casar? Como? O casamento era uma

exibição accessível ás creaturas de dinheiro. Um pobre amazia-se. Um rico vai á igreja e casa-se — tem testemunhas e é respeitado — após um jantar gordo e uma ceia á champagne. Êles? Êles?

E Bournino fez:

— Nós, os pobres operarios, os desprivilegiados, não podemos dar expansões a certos luxos. O casamento — um luxo!...

E Pierrette murmurou:

— Desgraçadamente!

Bournino retorquio:

— Juntariamos algum dinheiro, mas em quanto tempo?... E depois? Pagar o quarto, a mobilia, alguma roupa...

Pierrette suspirou:

— Não nos podemos casar...

E num soluço:

— Eu tinha esperança!

Aquilo era patético, duma doçura inocentissima — patético como o prologo dum idilio... Entre dous seres humildes, a scena iluminava-se de certa suavidade. Bournino, timido, e Pierrette, timida, lamentavam a mesma desilusão. E prestes a chorar, gozavam uma dolorosa volupia em sentir pela imaginação o desfilar de todos os projectos, um por um. Saíndo do *atelier* desciam a rua do Helder, o boulevard dos Italianos, o boulevard Montmartre, despediam-se na esquina da rua Poissonniére, perto da rua Montorgueil. E eram sempre as mesmas conversas, as mesmas caricias. Morariam em Belleville... E depois... E ainda... Que quer a lei-

tora? Agora, escrevendo estas linhas, eu sei, eu tenho a certeza de que oitenta milhões d'almas fazem os mesmos projectos que Bournino, as mesmas frases que Pierrette e os mesmos olhares que Bournino e Pierrette. A Humanidade não é toda dourada — o que quer dizer que não é toda composta de ricos e snobs... E para ela, infelizmente, ha escritores que se ocupam dessas descripções penosissimas...

Quadro fraco? Incolor? Não. Talvez sómente o paisagista tenha esses defeitos. Bournino raciocinava dum lado e Pierrette raciocinava de outro. Unia-os tambem pensamentos, pois ambos pensavam coisas identicas. Pensavam que poderiam dum golpe alcançar essa felicidade que se oculta detraz do casamento. Como operarios deveriam possuir a liberdade e a audacia. O operario faz o que quer. Os seus escandalos passam despercebidos — e serão escandalosos?... Vá! De certo que não. Porque pois a preocupação do irrealizavel casamento? Si não tinham dinheiro para o padre e para a igreja, que não fossem nem ao padre nem á igreja. Se não tinham dinheiro para os documentos civis, para as estampilhas e para o tabelião, que não fossem á *Mairie*. Amavam-se? Que se amassem... Tão simples! Um pequeno beijo, um pequeno passeio, o aluguel dum quarto mais amplo e a tranquilidade...

Bournino colocou os factos nos eixos, rompendo o silencio:

— Que faremos, Pierrette? Amas-me? Queres-me?

— Sim. Viverei comtigo.

Êle disse ainda com timidez:

— Eu sabia. És minha esperança.

— Sou tua esperança...

E caíram nos braços um do outro. Foram castos. Passearam pelas margens do Sena, até Passy e descansaram num banco dos Campos Eliseos, vendo passar as carruagens. No outro dia organisariam a vida, pois receberiam a quinzena escoada no sabado anterior.

Eram felizes ou não? A leitora responderá naturalmente que sim. Eram felizes porque tinham esperança. Amor casa-se com esperança...

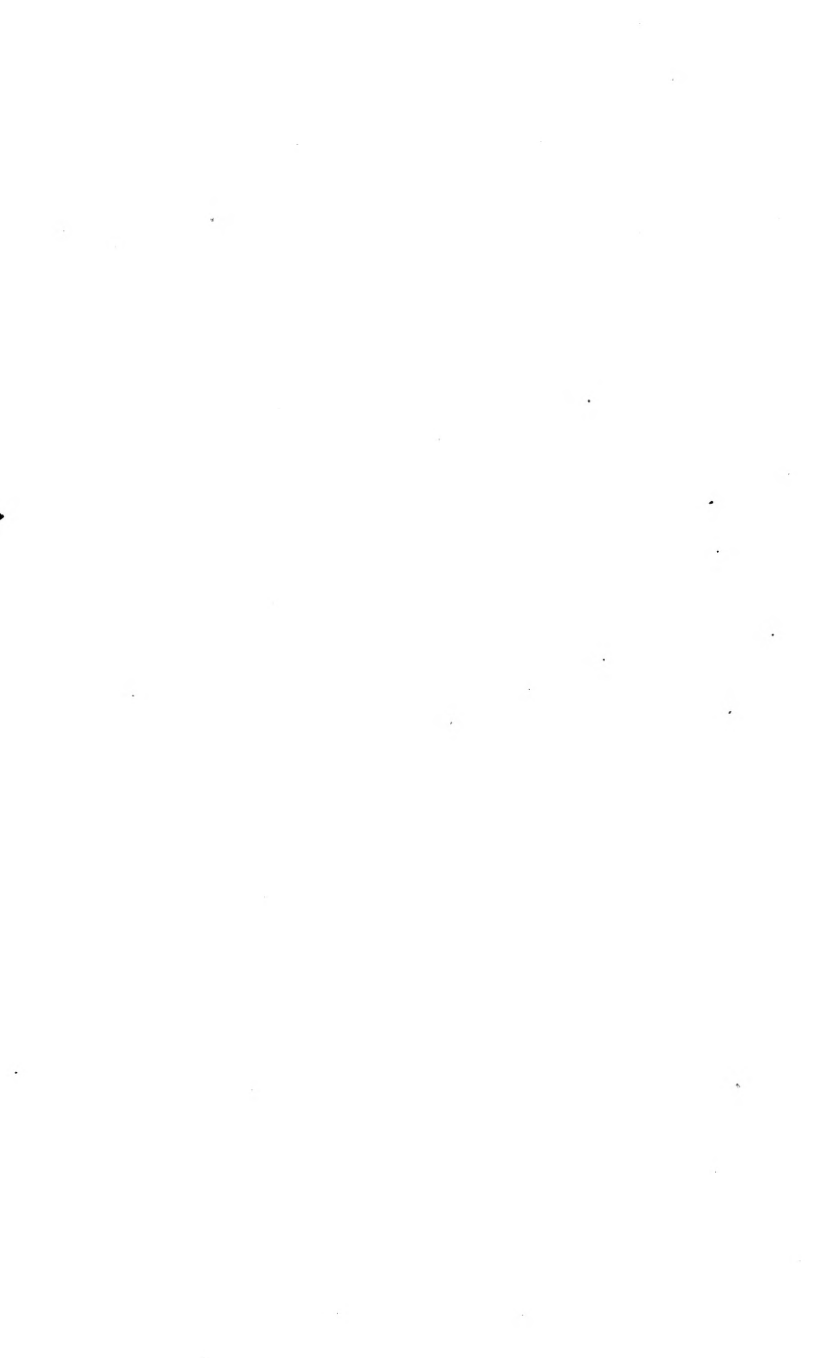
Razão pela qual, ás nove horas do noite, após jantarem num restaurante do *faubourg* Saint-Denis, despediram-se com estas phrases tão simples:

— Até ámanhã, Bournino, meu amado...

— Até ámanhã, Pierrette, minha esperança...

UMA VERDADE

O roubo ?... Para qualquer lado que se olhe, não se vê senão o roubo... E naturalmente são sempre os que menos teem, que são os mais roubados e roubados por aqueles que têm tudo... Mas que fazer ?...

OCTAVE MIRBEAU

— Valha-me Deus! Valha-me Deus!

De janela em janela estendendo a minuscula mão descarnada, transida pelo frio, Conceição esmolava. Ah! pequenita! Onze anos e a mamã bebeda...

— Meus senhores... Valha-me Deus!...

Porque não lhe davam um vintem? Os homens eram maus assim? A pequena roia as unhas para não estalar de fome. E aquele frio, e aquela neve, Jesus!

— Valha-me Deus! Valha-me Deus!

Seguindo, esbarrando nos lamaçaes, sem ousar penetrar nos cafés, onde a chamavam olhares cretinos, cansava, pernas bambas, vestido pingando chuva, colado ao corpo. Seguia... Seguia...

Em casa, era um reboliço, uma mixordia, os irmãos seguidamente mortos, a mãe a esmurral-a como se ela não fosse a unica filha, entrando alta noute com a cara hedionda, a boca entulhada de descomposturas. Pela manhã jogava-a porta fóra, gritando: «mendiga! mendiga!» Obedecia. Levava-lhe os vintens dos bolsos mais expansivos. E doía-lhe o coração de bôa menina, ver a *grande* enterrar o seu esforço nas tavernas, ao lado de homens que muito a maltratavam.

Nesse dia de inverno, ninguem a socorrera. Um policia quizera arrastal-a ao xadrez. Fôra vencido porém pelo seu ar indigente, os seus grandes olhos suplices onde pareciam boiar historias de molestias hereditarias.

— Deem-me que comer... tenho fome...

Não a ouviam. Ha certamente instinctos perversos sugeridos deante de trapos. Quem já conseguio definir o indizivel d'essa maldade dos grandes sobre os pequenos, essa maldade que faz os primeiros se babarem de volupia por saber que os segundos sofrem?

A pequena Conceiçãosinha sufocava na atmosphera opressiva armada pelos mulambos que envolviam o seu esqueleto tisico. Que fazer? Andar para a frente...

A' sua passagem, murmuravam:

— Vejam! — dizia uma velha com pretensões a passaporte celeste — Esta pequena está perdida! É vagabunda!

— No meu tempo, — dizia outra — as crianças não ficavam sós... E ainda pede esmola!... Vá!... Fuja!...

E em còro repetiam, pervertidas pelo bem estar:

— Eh! vagabunda!... Fuja, senão apanha. Eh! vagabunda!...

A pequena ouvia esses desprezos canalhas: «Valha-me Deus! Valha-me Deus!» A chama da fome estendia-se-lhe até o cerebro. Um calor intimo queimava-lhe as entranhas. N'uma esquina encontrou um homem. Esse homem disse-lhe:

— Não sou teu pae!

Adeante encontrou uma mulher. Essa mulher disse-lhe:

— Não gosto de miseraveis!

Mais adeante encontrou uma criança. Essa criança gritou irritada:

— Oh! que me causas nojo!

Ela estava então junto d'uma vitrina guarnecida de fructas. «Valha-me Deus!» Seus olhos devoravam o esplendor dos comestiveis. Brilhavam-lhe nas pupilas clarões d'amarga energia.

E parada, batalhava com a consciencia e o estomago. Roubar!... O roubo não seria crime, praticado sob taes condições...

As suas mãos magras avançaram para empolgar, para raptar... tocaram n'um fructo cubiçado. E emquanto uma alegria consoladora lhe inundava o peito mirrado, ela deitou a correr como uma desesperada, pelos becos, pelas ruas, saltando poças de lama, escorregando aqui e alem. Parou enfim n'um canto de praça deserta. Trincou a fructa. Comeu o roubo. E mastigando, olhava o céo pardo, pensando com a sua activa inteligencia de criança em toda a maldita desfaçatez balanceiada na desegualdade que faz os ricos estafarem os pobres e os miseraveis se sustentarem do odio e das lagrimas contra os ricos. Tinha por isso, ao terminar, um desabrochar flagrante d'aliança á revolta que para o futuro será a grande victoria assignalada pela conquista do pão...

MAMZ'ELLE GLU-GLU

D'uma ocasião, sósinho no meu quarto, eu considerava uma rosa branca que emurchecia num copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu sofres! Ela curvou-se mais sobre a haste, aquiescendo, e vi-lhe duas lagrimas nas petalas. Nunca pude saber quem fosse esta mulher.

FIALHO D'ALMEIDA

Conheço Mamz'elle Glu-glu. De resto, nada ha d'admiravel n'isso, pois todo o mundo conhece Mamz'elle Glu-glu. Alguma cousa de mais interessante porem que um simples conhecimento me detem a contar a sua historia, tragica para muitos, mediocre, mas verdadeiramente humana.

Mamz'elle Glu-glu tem vinte anos. Ela mesmo encarregou-se de me relatar esses vinte anos terriveis, torturantes. Nascera no norte, plebeia, e conseguintemente não era bonita: os normandos conservam n'um rosto grosseiro, um nariz rude e um acanhamento desagradavel. Mamz'elle Glu-glu, comtudo, possuia um corpo esguio que poderia ser, se quizesse, elegante. O seu perfil define-se assim: magra, alta, feia, olhos amortecidamente castanhos, cabelos côr d'abobora, pescoço de girafa. E eis tudo.

Um dia Renato Alvim entregou-m'a com estas palavras:

— Eis ahi um bonito caso... Observa-o... Mamz'elle Glu-glu é uma nevrotica e uma imbecil...

Felizmente Renato falava baixo. Sem nada compreen-

der, Mamz'elle Glu-glu olhava-nos risonha. E como Renato se retirasse, ela começou:

— Já nos conhecemos, não é?

— Sim, — respondi.

— Na esquina da rua Tronchet...

— Sim...

— Á espera d'um *Tramway*...

— Sim...

— Chovia!

— Sim...

— Bem.

Ela soltou a sombrinha no encosto do divan sobre o qual se sentava. Silenciou dous minutos pelo menos, emquanto eu, acendendo o meu cachimbo, esperava com fleugma. Emfim encorajando-se, disse-me:

— Não sei se o aborreço. Creio porém que não... Porque havia d'aborrecêl-o?... Sou uma mulher, uma mulher inofensiva e mesmo que o não fosse... em hipótese alguma a mulher aborrece o homem...

— Como?... — interrompi.

— ... em hipótese alguma a mulher aborrece o homem...

— Ah!

A principio ferido pela phrase, resolvi deixal-a escorregar, sem importar-me. Quem dessa maneira se exprimia era Mamz'elle Glu-glu e antes que tudo...

— O seu amigo Renato Alvim, de quem tenho a honra de ser tambem amiga, falou-me do senhor como sendo um artista... apreciador das nossas desgraças... as desgraças nossas... não sei se digo bem... por exem-

plo, uma desgraça d'amor... Ele prometeu trazer-me aqui, o que fez...

Outra vez o silencio caío pesado sobre a sala, agora mais comprido, quasi interminavel. A presença d'aquela mulher dava-me ao intimo um secreto mal estar, um intraduzivel espanto piedoso e repugnante. Faltavam-me aos labios palavras para encadear o dialogo com a visita, visivelmente apoucada. Junto ao nosso silencio, vinha outro de fóra, mais opressor ainda : o da cidade estatica diante d'uma chuva glacial.

— Pensa que o meu nome é só Glu-glu, — continuou finalmente Mamz'elle, com ar tristonho. — Porque me chamam Glu-glu ? !... Tenho até um nome bonito, Maria... Maria Luiza... Nasci como o menino Jesus, n'uma estribaria... N'esse tempo os meus pais eram camponezes... Depois, não sei o que foram...

A sua voz tornava-se melancholica, referindo-se a essa infancia perdida n'uma miseria no fundo do campo, entre gente bastante selvatica para a sua fragilidade inteligente. Como recordava essa fragilidade inteligente, com um orgulho compassivo, com uma singeleza victoriosa ! Tudo notava, animada pela expressão do meu rosto, atenta, animada talvez pelo meu socego que a deixava sonhar á vontade.

Os pais não a amavam. O gado não lhe obedecia. Por isso, os pais batiam-lhe e o gado solto, entrava pelas outras herdades, produzindo rixas entre vizinhos que se respeitavam. O resultado de tudo fòra expulsarem-n'a. Amanheceu por um frio dia de dezembro na capital, só, sem dinheiro, sem casa, sem ninguem.

*

Chegando a este ponto da narrativa, parou mais uma vez.

— E depois...

— Póde continuar... — ajuntei — Depois...

— Depois sucedeu a desgraça... Quer ouvir?

— Sim... Sim...

— Sabe o abismo que a pobreza encerra, abismo que se multiplica por diversos abismos... Caíndo no primeiro, resvalei pelos outros... Tive fome, oh! muita fome... Sei que sou feia, que não poderia despertar nenhum apetite ao homem... pois um homem possuio-me... por dous soldos, o preço d'um pão... Só!...

Uma especie de mudo horror tolheu-lhe a lingua. A vergonha d'essa venda doía-lhe muito mais que todas as fomes passadas, que todas as mizerias atravessadas. Sem querer, definia na fisionomia o arrependimento pundonoroso da confissão. Eu porém, compreendendo a sua triste lucta, tornava-me cortez, pondo-a n'um terreno de confiança absoluta.

Perdendo a virgindade, sem o gozo do sexo, mas com a dòr no estomago, perdèra tambem, imediatamente, o engano do macho. Dous soldos valiam muito para o *patife!* E dizia patife com a cara desmanchada por uma contração nervosa!

— Hoje eu o amo muito!... Admira-se?... Amo-o... Ele é um canalha... mora na mesma rua que eu... Tem uma amante que vende fumo... Eu o amo... seis anos são passados... É tudo que posso dizer, é tudo que venho dizer... Exijo que o senhor seja meu amigo... Quero chamál-o... o safado...

— Como?...

— Quero chamál-o... Quero estar com èle...

— De que fórma?...

— Pergunta? Sei lá! Quero-o... Quero beijál-o... Quero saber se a sua boca fede ou cheira, se a sua carne é mole como um trapo ou dura como um corno... Ele deve ser um homem desegual...

Lá fóra, a chuva caía. No meu cachimbo esvaira-se a fumaça do tabaco, no fim. E como entrassem pelas persianas as sombras inspiradas do crepusculo, Mamz'elle Glu-glu aumentava desmedidamente de tamanho, grande, enorme, descomunal...

*

* *

Ela vizitou-me outras vezes, muitas vezes. Tornei-me o seu confidente.

Uma extranha compaixão obrigava-me a querer-lhe um bem respeitoso d'irmão. Maria Luiza trabalhava numa tipografia. Vinha-me cumprimentar algumas vezes, ainda com as mãos sujas de tinta, as unhas sumidas sob uma crosta negra de massa.

O emprego, rendendo-lhe um ou dous francos diarios, fòra conquistado á custa de muitos esfòrços, de muita humilhação. Ela achava-o ingrato, aproveitando-se para expansões. Que?... Haviam mulheres que porfiavam pela emancipação, construindo aquela obra calamitosa! Nascidas para a caricia, para a volupia, para o prazer, para a dôr moral, entrarem na dòr fisica, nos

trabalhos grosseiros! Um erro mau, um erro formidavel! Deixassem os homens nos laboratorios, deixassem-nas nas marmitas...

— O resultado é o combate que vê. As saias arrastam-se dos bordeis para as oficinas e das oficinas para os cemiterios...

Ela arrastava a sua pelo sonho alucinado. Terminava toda qualquer ideia com a teima latente:

— O amòr... o meu amòr... é necessario encontrar o homem amado, sempre...

E trazia noticias...

— Hontem passou-me á porta, ás sete da manhã, escuro ainda... Escondi-me para que não me presentisse... Tenho medo d'aparecer-lhe... Se tal succedesse, gritaria... E no entanto, preciso chamal-o, preciso!...

Voltava em seguida ás suas desditas, com mais seis companheiras, das oito da manhã ás sete da tarde. As outras tinham homens que as buscavam, cantarolando. Só ela não apanhava os louvores alheios.

A' força de tanto se ver, acabara convencida da sua fealdade, sem ilusões a respeito. Aos domingos, embuçava-se no seu casaco novo e lá n'um omnibus, no banco mais alto, passeava a vista, como n'um cinematografo, sobre a cidade, que tanto a fizéra sofrer, que tanto a fazia sofrer ainda, gozando em contemplar as avenidas nubladas pela populaça que a mirava com curiosidade, com palavras soltas:

— Glu-glu!

— Lá vae Mamz'elle Glu-glu!

— Mamz'elle Glu-glu em omnibus...

Donde provinha a sua popularidade? Os jornaes um dia tinham sido obrigados a falar d'ela. Provinha do seguinte.

Em certa ocasião, anunciava-se n'um grande theatro, o maior comicio feminino, organisado por sufragistas inabalaveis. Maria Luiza, atrahida pelas colegas, comparecera, sem ao certo entender do que se ia passar. Musicas tocavam.

Mas iniciaram-se os discursos. A primeira que assomou a uma tribuna armada no meio do palco, foi uma costureirita de doze anos. A sua vozinha repercutio pelo theatro como um guincho de calamidades. A costureirita propunha, defendendo a sua classe «a sua classesinha desprotegida», que os patrões estabelecessem um só ordenado compensador dos esforços d'elas, e que reunidas, resolvessem um vestuario igual, blusas azues e calções pretos. Aplaudida, terminou com uma frase fogosa para a sua criancice. Substituio-a uma redonda e alentada padeira. A segunda oradora gemeu milhões de miserias, «que o serviço nas padarias ia de mal a peior, que os patrões alem de roubal-as nos salarios roubavam-nas nas refeições, que as horas de labor eram exhaustivas, que os pães estavam caros e que, englobadas, elas deviam infundir respeito nas proprias padarias, pedindo augmento de salario». A sua conclusão dizia: «se em greve fecharmos as padarias, de que se alimentarão os homens?» E seguiram-se-lhe outras oradoras: carvoeiras, porteiras, criadas de quarto, mundanas, engomadeiras, lavadeiras, linotipistas, toda a

compacta multidão feminina que se entregava a mesteres multiplos.

Maria Luiza ouvia-as inquieta e revoltada. Tinha impetos de descompor as colegas, lhes berrar a idiotice da liberdade do sexo. Enfim, sem conter-se, gritou :

— Peço a palavra !

Voltaram-se para o seu lado. Ela repetio, dirigindo-se á comissão que presidia ao comicio :

— Peço a palavra !

— Tenha a palavra — respondeu a presidenta, uma porteira quarentona, domingalmente azul.

Maria Luiza levantou-se, caminhou para o palco, subio a tribuna. Começou então terrivel, tremula, esgarenta :

— Sim, colegas, sim... Reuniões... revoluções... sonhos... Tudo é uma tolice... Revoluções... Sufragismo... Para que, se me fazem favor?... Mulheres de calções... meninas de calções... padarias em greve... Seriam melhor, mamadeiras em vez de calções... e prejuizos... homens prejudicados, qual nada !... Vão á merda com este sufragismo, com esta liberdade que ninguem comprehende !... Para que foi que lhes deram seios em vez de musculos; cutis finas em vez de barbas... pés pequenos em vez de patas... linhas redondas em vez de rectas?... Os seios foram feitos para a volupia e para a amamentação... as formas redondas foram feitas para excitarem a caricia e nunca para se torturarem em cima de bancos e sobre mechanismos... Cosam as saias, lavem as camisas dos seus homens... Deem-lhe o amor... Porque essa febre

de ganhar dinheiro, de ganhar muito dinheiro, com sofreguidão!... Eu sou operaria, eu grito que sou operaria... mas pelo facto de não ter beleza... E vocês que teem a beleza e sabem arrastar os chinelos pelas cloacas, hein?... Quem as manda para a oficina senão o vicio?... Entre todas não ha uma unica que tenha a minha historia... São belas e vão á merda, senhoras glu... glu... glu... glu... glu...

Queria dizer *glutonas*, mas não poude, presa d'um soluço obstinado que a impedia de continuar.

O teatro ouvira arripiado esse despejo d'indignação; o teatro ouvira encolhido essa voz improba que clamava sem temor, que ralhava sem receio. Ninguem ousara apartear, como se um aparte produzisse uma catastrofe. O auditorio parecia metido n'um sonho diabolico.

De repente, porém, aqueles *glu-glus* acenderam a luz fatal. Maria tentava o fim da palavra quando do mais fundo da platéa partio o outro *glu-glu* que se unio ao seu. E em breve toda a platéa se desfez em mil *glu-glus* saltitantes, como se o teatro si tivesse transformado n'uma lagôa povoada de sapos tenores.

Realisava-se a queda da oradora. Desorientada, ela se puzera a gesticular, a gesticular, com uma furia douda de liberdade, sem se alevantar da grande pateada que a envolvia.

— *Glu-glu!*

— *Glu-glu-glu!*

— *Glu-glu-glu-glu!*

Dez minutos depois conduziram-na á sua residencia, desmaiada. E o povo que vive á espreita do ridiculo

para rir, croteando, tomou Maria como uma boneca, meteu-a em cançonetas, em revistas, em cafés concertos, celebrisou-a, aureolou-a com aquele vulgo buliçoso de Mamz'elle Glu-glu.

... Este facto define Maria Luiza. O seu coração de rapariga sonhadora, inclinado a uma vida aconchegada d'amores, forçado á miseria, pela sorte, indignava-se contra a destruição paulatina do encanto, da graça, do recato do seu sexo. Adivinhava-o em breve arruinado, em pandancos, sem perfumes.

— Veja se me compreende — dizia, forçando as expressões. — Veja se me compreende. Quanto maior tendencia ha na mulher para o trabalho, tanto menor inclinação ha para o amor... Amo, não obstante, o meu trabalho, porque odeio tudo que me dão a fazer, tudo que me vem ás mãos para ruína da minha saude... Que grosseria!... e machinas cujas tintas entisicam... Ah!...

Augmentava a sua tortura pelo amado, com uma frequencia enfadonha, com um entusiasmo doloroso. Ela construía uma especie d'altar para colocal-o em todas as reminiscencias, para admiral-o em todos os momentos. Referia-se depois dos queixumes, depois dos pezares, não sem uma ironia maravilhosa, á compleição amnemona do outro, lembrada do meu gesto vazio: « dous soldos, quer?... Nada mais... »

E Mamz'elle Glu-glu, hirta:

— Sabe?... aceitei... Dous soldos... o meu corpo, a minha virgindade por dous soldos... Felizmente ninguem a quer reeditar... E ête, ête...

— Já o encontrou? — indagava eu.

— Como encontral-o?... isto é, como encontrar-lhe a alma?... Nem ao menos o seu corpo será possivel... De que será o seu corpo?...

Certa vez, um tanto massado declarei a Mamz'elle Glu-glu:

— Quer saber d'uma cousa?... Escreva ao seu... ao seu... como dizer?...

— Ao meu amante! — ajuntou ela.

— Pois sim, ao seu amante. Escreva-lhe e prompto...

Mas a estranha creatura desfez-se em sustos. Cria-se ignorante para delinear uma carta que não envergonhasse.

— Como?... Não serei banal?...

E no outro dia trouxe-me a copia d'um bilhete. Era assim:

Meu unico possuidor. Ha em mim uma avesita que canta por si. Ha em mim doçura... desejo da sua pessôa. Venha, que quero sentir-lhe o calor da pele sobre os meus seios mirrados, venha, que quero enterrar as minhas mãos na sua cabeleira, quero enterrar meus pobres labios na sua boca. Venha, lembre-se do que me deu — *Maria.*

Aprovado, Maria subscriptou o bilhete: Marcio, rua da Greve, 27.

E perdi-a de vista por algum tempo. Duas semanas depois reappareceu-me agitando um papel:

— Veja! Veja! Êle escreveu-me. Leia...

Tomei o papel. Mal disfarçada, a letra era de mulher. Voltei-me para Maria, indagando:

— Foi mesmo Marcio?...

Ela estremecendo, respondeu precipitadamente:

— Porque não? Foi Marcio...

— Perdôe-me!...

Li: «Amo-te, amo-te, amo-te, ó minha Maria. Espero-te.»

E este bilhete iniciou uma forte, uma constante correspondencia entre ambos. Obrigado pela amizade, eu era o confidente d'aquela amante curiosa que mais curiosa ainda se tornava no seu segredo, por trahil-o com gestos demasiadamente nervosos. Entregando-me as cartas, Maria tremia, assustada, como se esperasse alguma cousa mais terrivel que a sua esperança.

Em verdade o seu pequeno, o seu excuso romance, jamais prometeria um belo futuro. Maria mentia. Maria finalmente desabafou:

— Escute... Sou uma infame... Marcio, meu Marcio, sabe?... Sofre por minha causa... Ah! se visse como êle anda agora... Leia o que me remeteu, o querido...

A carta que então me passou ás mãos, tinha algo de novo que me maravilhou. Era escripta com fogo, escripta com paixão, garantindo tanta sinceridade e tanto desespero, que me chegou a comover, tirando-me do espirito uma duvida impertinente, vinda desde o principio como reveladora d'uma farça.

Começava exaltada, gemebunda, quasi ironica. Chorava e gargalhava ao mesmo tempo, pedindo e mandando. Depois escorregando a um desanimo saciado, terminava levemente:

Quando tu me dizias entre um sorriso assassino e um gesto indolente, que o teu amor era como uma fina porcelana de Sevres, partindo-se facilmente, eu sentia uma onda d'angustia que me afogava todas as tristes ilusões. Eras para mim uma creatura suave, ingenua como uma Nossa Senhora. Mas agora, ó minha bem amada de coração tosco, agora descobri que não passas d'uma boneca sem sangue, d'um coração sem forma e d'um corpo sem alma.

Ainda hontem, no campo, lembras-te? tu estavas recolhida n'uma cesta de bambú, junto d'um fio d'agua branda. Havia pelo ar um silencio de cemiterio de mortos. E como eu te confessasse que eras para mim a vida, a gloria e eras tambem o ar que eu respirava, os sonhos que eu sonhava e a Deusa da minha religião, tu me respondeste com uma gargalhada que parecia vinda do Inferno de Satan para a garganta d'uma prostituta.

Eu fiquei aniquilado e vencido. E como te olhasse, com os braços em cruz, com as faces palidecidas, levantaste a tua mão malvada e esbofeteaste-me a alma.

Admirei-me de Marcio. Com uma ridicula compaixão excessivamente brazileira, tratei d'aconselhar a Maria, menos malvadez, « que comprehendesse quanto o outro era bom e amigo »...

— Não o procurava ha tanto tempo? conclui. Agora que o encontrou, seja mais humilde...

Mamz'elle Glu-glu prometeu, com um sorriso que me gelou.

— De certo... de certo... Marcio!... pobre Marcio!... de certo serei humana...

Mas as exprobações não terminaram. Sobre o casal descera uma epoca má d'arrufos. Se êle ralava-se de lamentos, ela imbuia-se d'orgulho. O que lhe mandava

n'esses dias insanos eram ferroadas, bofetadas, descomposturas.

—Ah! Faço isso por vingança... Vingo-me porque o amo...

E Mamz'elle Glu-glu entregava-me a derradeira missiva:

Discutias Jesus, entre conceitos imperfeitos e palavriados canalhas!... Eu te queria convencer que Jesus fôra o maior homem, porque fôra bom e amara muito. Então respondeste umas frases secas, soltas e medonhas. Disseste que êle não amara, pois não existia o amor como o seu, existia a carne...

E se compreendesses, ó minha querida d'olhos de gelo, o quanto tinhas de desprezivel n'aqueles instantes, naturalmente irias para bem longe, irias para a materia.

Em verdade não pódes amar. Tens desfalecimentos calculados, consolos que são mentirosos. Tens imperfeições hipocritas, maculas espirituaes, vicios, erros, sofismas. E ás vezes tens risadas que são grasnares viperinos, lutuosos e grotescos...

*

* *

Foi a ultima carta que vi. De repente Maria desapareceu sem deixar vestigios.

Procurei-a. Encontrando-me com Renato Alvim n'um *five ó clok*, o temido elegante disse-me:

— Mamz'elle Glu-glu é uma douda! Lia-me tambem todas estas cartas... Acreditaste em tantas balelas?

— Se acreditei...

— Ora! Ora!

Mas nem eu na minha bôa intenção nem Renato na sua zombaria possuiamos argumentos. Mamz'elle Glu-glu continuava em Paris. Como o soube eu? Da mesma fórma que toda cidade, pela leitura dos jornaes. Uma noticia de policia, uma noticia exorbitante, trazia á baila o nome da triste creatura. Mamz'elle Glu-glu fôra presa. Inculcavam-na assassina, n'um crime ocorrido á noute. N'aquele dia, seria interrogada.

É indescritível o espanto que me tolheu, a duvida atrós que me multiplicou reflexões. Com o jornal que me lançava ao pensamento o nome de Maria Luiza, fui recapitulando toda a sua vida pouco compreendida, quasi incompreensivel. Maria Luiza assassina, era, para mim, fabuloso mas patente. Tudo n'ela predizia um fim tragico: os seus desesperos, o seu afan, as suas doutrinas confusas, a sua idéa exacta de mais sobre o amor. Se não acabasse na cadêa acabaria no manicomio. Não é impunemente que uma mulher chega aos vinte anos com a fealdade trazida do berço.

Corri á policia para presencear o interrogatorio. Consegui dificilmente penetrar no vestibulo onde unicamente tinham entrada os homens d'imprensa e as autoridades.

Uma horrivel temperatura reinava lá dentro. Sobre mezas escrivães dispunham penas e papeis.

Enfim trouxeram a criminosa. Vejo-a agora como então, vestido preto, semblante cansado onde nunca parece a morar o riso, longo pescoço fino e magro. Vejo-a perfeitamente na memoria: rispida, rija, ran-

genta, fitando os soldados por baixo das palpebras descidas, com desdem.

— A senhora confessa que assassinou Marcio Lucio, hoje, ás 2 horas da madrugada? começou um cidadão inquiridor.

— Sim! — respondeu Maria.

— Então, é criminosa!...

— Sim!

— Porque matou?

— Porque era preciso.

— Como?... Era preciso!!...

— Ha casos para os quaes só ha uma solução, a Morte...

Os escrivães tinham parado á voz que se elevara n'essa resposta. O interrogador ficara como se não comprehendesse o que ouvia. De facto, pronunciada por uma mulher, aquela frase cortava, incomodava como um chicote.

— Matei-o! Matei-o!

E Mamz'elle Glu-glu engrandescia-se, discursando com energia e dor:

—Ouça-me... Ouçam-me... Matei-o!... Matei-o!... Sabem porquê?... Porque um dia me possuio... ouvem?... Eu tinha fome, frio, muito frio, muita fome... Êle deu-me dinheiro para comprar um pão e roubou-me a virgindade!... Até ahi, ha dous crimes... um abuso e um roubo... Se não me compreendem, perdòem-me... não me sei explicar melhor... Depois que èle me roubou, ainda lançou-me em rosto a abjecção do meu fisico. Canalha! O meu fisico!... Qu'importava o meu

fisico se a minh'alma era branca como a neve e como as nuvens do estio, pedindo amor, pedindo amor!...

Uma onda de meiguice subia-lhe nas palavras. Todos na sala estavam concentrados e ouvintes; e até as moscas, cheias de contricção, pousavam penosamente nas cortinas de renda.

— Senhores! Eu tive, depois, vida mais miseravel!... Dir-se-hia que todos adivinhavam como o meu intimo era dolorido... Fui tudo!.... Via sempre o canalha e... juro! juro! juro!... amava-o, amava-o demais... Nunca êle me quiz ouvir... E eu sonhava tanto que até construí um romance, uma especie de pequeno enredo onde existiam as cartas que eu lhe escrevia e as cartas que êle não me escrevia...

Assim, sabia eu da verdade d'aquelas cartas trazidas por Maria. Estive prestes a fugir, picada por uma inquietação surpreendente. Envolvia-me a cabeça um mal estar que me fatigava, que me pesava, que me produzia vascas de vomitos. Mas a defeza da assassina tolhendo-me qualquer movimento, prendia-me á cadeira, imperativamente.

— Hontem, — exclamava Mamz'elle Glu-glu — desesperei. Subi as suas escadas, apareci-lhe para cobrar-lhe a divida antiga. Êle era como um bom rapaz... Recebeu-me sorrindo, possuio-me outra vez, senhores... Ouvem? pela segunda vez... Canalha! Depois, pondo-me a mantilha sobre a cabeça, sabem o que me disse? É horrivel mas é verdade... Disse-me: « olha, idiotinha, hoje quero dous francos... dá-m'os... E se me vieres procurar terceira vez, juro que te estrangularei,

carcassa... » Esta scena pode merecer o riso dos senhores... Quando Marcio me falou assim, enlouqueci... a minha amargura, o meu amor, transbordou d'odio... Vi que era preciso matal-o... matei-o... com uma faca de cosinha que estava sobre a sua meza, a quatro passos... Á traição... esperei o movimento que o punha de costas... e matei-o... Assim... assim... E ri-me, ouçam... vejam... como me estou rindo agora, por saber que èle não se riria mais de mim... Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O riso abria-lhe a boca n'uma careta fantastica. Toda ela rangia metalica como um esqueleto.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Matei-o... tem graça... Marcio... O meu Marcio... o meu querido canalha... Marcio, o *dous soldos*... Ah! Ah! Ah! Ah!

A autoridade pareceu despertar. Agitou uma campainha e disse a Maria, muito palida:

— A detente vae ser recolhida a cadeia... Soldados, conduzam-n'a...

Mamz'elle Glu-glu dispoz-se a seguir. Mas voltando-se, deu comigo. Sorrio e agitou a mão, n'um adeus:

— Estava ahi!... A proposito... consegui finalmente chegar até èle, não é verdade?... Apalpei-o, como queria...... Sabe o que tinham as suas carnes?... Lama, muita lama... as suas veias eram de lama...

E sumio-se entre os humbraes d'uma porta, ladeada por dous policias, hirta como uma vara, magra e fria como uma taboa vestida...

SUA MELHOR AMIGA

A ITIBERÊ DA CUNHA

Sendo Deus tão pobresinho
Não ha ave a quem não désse
Um ramo para o seu ninho:
Por conseguinte parece,
Minha flôr,
Que tendo tu mais riqueza,
Terás tambem com certeza
Mais amor!

GUERRA JUNQUEIRO.

*

Dos defeitos que possuia M.^{me} Dorine, defeitos provenientes, na maioria das vezes, de loucuras encantadoras, um unico era, mais que todos, perdoavel: o de ser curiosa. A nobre senhora, devido a isso, devido á curiosidade intermitente como uma febre de máo caracter, varios desgostos teve que abafar em meio ao reboliço estonteador da sua vida de grande mundana.

Em certa época, porém, ela jurou corrigir-se, perante os seus santos predilectos, e a sua melhor amiga, Stela Irinea. Jurou corrigir-se e corrigio-se. De nada mais quiz saber: nem dos namoros exagerados das vizinhas, nem dos arranjos domesticos das camaradas, nem das escapulidelas escandalosas do primo co-irmão, que de semana em semana fugia do Rio para São Paulo, onde cantava endeixas a uma actriz italiana de nome Leonor. *Ad Leonorum Italiæ canentem.*

Viram-n'a depois desta jura intima, transformar d'alguma sorte o horario da existencia. Abjurou de certos divertimentos. Frequentou o Odeon uma vez por semana, sómente; outrora ia lá nas segundas, quartas e sextas. Tornou-se melancholica.

O marido, um rapagão de trinta anos, perguntava-lhe:

— Minha Dorine, estás doente?

Ela respondia com o seu riso de creança docil:

— Não. Porque?

— Por nada. Não vaes mais ás *soirées* de Martha Osorio? Hontem, na Avenida, ela perguntou-me por ti, queixosa.

— Quero estar antes comtigo.

E enlaçava-o nos seus braços roliços e calidos, segredando-lhe as juras da fidelidade conjugal que durante muitos mezes esquecera.

Do dia para a noite, o joven casal mergulhou numa vida quieta e burgueza. Direi, tirando a grosseria da classificação burgueza, «numa vida quieta e simples». Eugenio, assim chamava-se o marido, a principio espantado d'esta metamorphose, acabou aceitando-a, na moleza proverbial do seu genio futil. Aceitou a aliança da esposa, como aceitaria o presente d'um amigo, ou uma gravata cara d'uma creatura extremosa.

Era êle um d'esses typos necessarios á vida das grandes cidades; ruidoso, crapuloso, indecoroso. Conseguintemente um hypocrita. Sabia manejar com habilidade a crença feminina, arregimentando com impudor o que de melhor podesse lucrar das relações com outras mulheres.

O seu espanto foi não isempto d'um certo terror. Si ela o conhecesse, emfim, si ela desvendasse os escaninhos da sua alma, si ela descobrisse o que a intimidade da etiqueta até então escondera d'alguma maneira? Então, Eugenio redobrou de vigilancia, mais delicado que

nunca, amabilissimo, curvando-se a todos os minutos, advinhando da companheira os desejos, os pensamentos, cumulando-a de gentilezas. Pensava nos momentos de soliloquios: «Fil-a a meu modo, livre, com poderes para vôos obliquos. Voltou, sem cuidar nos beneficios d'este estado especial. Que fazer? Calma primeiro... e nada de lutas domesticas...»

É, mais ou menos este, o raciocinio dos maridos alegres.

Em Eugenio, semelhante raciocinio assumia arrhas de cynismo.

Um dia, inquieto, disse á companheira:

— Minha filha, perdôa-me. Mas preciso ir a uma cidade do interior, a negocio urgente... São tres dias de demora.

— Está na tua vontade — respondeu com ternura M.me Dorine. Volta logo. Amo-te muito!...

E ela propria passou a escova em dois trajes novos do marido, acompanhou-o o resto do dia com uma serena solicitude, ceou no seu colo, trincando com os dentes pedaços de fatias que êle começara a comer. E, no outro dia, despedio-se.

Eugenio, porém, não fôra a viagem alguma. Servio-se d'este ardil para estar á vontade no brilhante ninho d'uma amante predilecta. O ingrato bohemio, não conheceu remorsos n'esta canalhice imperdoavel. Ao contrario, encontrou nela um espirito digno de comentarios frisantes. E muito sofreria M.me Dorine, si no seu quarto, devorando o capitulo sentimental d'um romance de Ohnet, adivinhasse o seu nome servindo de trocadilhos

na alcova da preferida. Não o adivinhava, porém. E isso era bom para tão desegual par...

No terceiro dia, ê!e appareceu. A mulher recebeu-o sem de nada suspeitar — notando apenas ligeira palidez e olheiras no amado.

— Parece que estás doente?...

— Qual! replicou êle. Fadigas de viagem...

Nada mais natural que esta desculpa.

O casal voltou á vida costumeira — unido, sem anormalidades notaveis, abastado. — Eugenio, comtudo, mais firme na segurança pessoal, dizia comsigo mesmo que a sua mulher «o que era, era uma grande ingenua». E classificava-a no kalendario da sua devassidão, ao lado das pobresinhas d'espirito. Ela, porém, nunca se poderia juntar no numero d'essas: tinha ilustração, senso artistico, um grande pudor intelectual que esbarrara nas trincheiras rudes da vida mundana. E' neste ponto que se explica o seu retorno á seriedade.

Entretanto, em breve, os rumores do anonymato cairam na casa, pelo Correio. A primeira carta era secca: «O seu marido, minha senhora, é um refinado patife. Engana-a. Despreze-o.» Ela achou graça e queimou a carta. Nada disse. Dahi a dois dias, outra: «Si o acompanhasse, encontral-o-ia junto com a concubina que o explora sem piedade.» Novo sorriso, nova descrença. Alguma amuada, por certo! E M.^{me} Dorine, a despeito de tudo, sentio vagos arranhões de ciumes. Seria verdade? De certo que não... E calou-se.

Nesta época, porém, o marido fantasiou outra viagem, seis dias de demora, pelo menos.

— Trar-te-ei um belo chapéo — prometeu-lhe.

Mas a esposa não teve os mesmos cuidados, distraída, longe de tudo que a cercava. Èle reparou, mas... Era um rapagão alegre e sobretudo um rapagão canalha. Simulou partir, ficando em companhia da amasia.

Verdadeiramente começou nesse dia a aflicção de M.^{me} Dorine. Em casa, um estado de superexcitação nervosa abalou-a durante longas horas, á partida do marido. Toda a sua vida então lhe surgia breve e facil. Casára ha quatro anos, nessa época cheia de fantasias, julgando amar o marido. Tivera, porém, uma decepção, afastando-se dos calculos architectados nos sonhos de donzela. Enganada, teve o primeiro adulterio, teve o segundo adulterio, victima sempre da curiosidade feminina. E se regenerára. Sím, confessava intimamente a regeneração, cóm uma alegria de todo o seu sèr amplo de mocidade, amplo de paixão e de fogo. Talvez por efeito dos vinte e cinco anos robustos, irrompera o amor definitivo pelo companheiro muitas vezes ludibriado. Amava-o, amava-o, amava-o.

E agora, aquelas cartas anonymas, aquelas denuncias, aquelas viagens!... Não, não podia ser, não acreditava, jámais acreditaria. E desta vez, esperou ainda que o outro voltasse da pandega — sempre palido, de grandes olheiras.

Consultava a sua amiga Stela Irinea, e esta lamentava-a, cobrindo-a d'adjectivos lisonjeiros. «Que não passavam d'aprehensões sem causa justificavel. Contasse com ela...»

Estas confidencias unia-as mais que nunca.

Emfim, como suportar as terriveis suspeitas? Simular tranquilidade, quando interiormente se abrazava d'inquietações? Decorreu nesse tormento meio mez. M.^me Dorine julgou adoecer, sentindo, durante dias, febre. Mas a explicativa da febre era razoavel. Junto ao seu mal intimo, havia outro mal metido no primeiro, o mal antigo, o mal velhissimo, o mal todo feminino: a curiosidade.

A formosa creatura, junto ao ciume, *necessitava, necessitava sem demora,* instruir-se da rival, si ela existisse. Um dia, á tarde, seguio o esposo, acompanhou-o passo a passo, sem perder-lhe o menor movimento. Andou muito e, afinal, vendo-o penetrar numa casa, postou-se á esquina, esperando. Conheceu, em poucos minutos, a atroz, a indisivel vontade d'um grande repouso quando se está a braços com uma grande desgraça. Conheceu a ancia da espera, o odio da espera, o desespero da espera. E nada. Èle não aparecia, ela não aparecia... Em breve uma penosa indiferença pelo escandalo, subiolhe até ao céo da boca, numa saliva amarga. Encaminhou-se para a casa suspeita. Tudo fez inconscientemente. Uma mulher tolheu-lhe o passo. Meteu-lhe na mão uma cedula, e passou. Vio-se numa sala elegante, onde haviam espelhos caros e bibelots baratos.

Oh! nunca esqueceu esse fim de tarde! Um raio de sol entrava sala a dentro, caindo sobre a palhinha d'um divan. Fazia silencio. De vez em quando longinquos murmurios de phrases passavam no ar. E era simplesmente denunciador o vago perfume de bordel, impregnado na atmosphera e nas coisas.

«Mas, porque não se decidir? Arrebatal-o dali, custasse o que custasse, tomal-o para si sómente...» Comtudo... «Jesus! impossivel, inacreditavel, o seu Eugenio, tão bom e tão bonito!» Emfim...

Sentio passos, conheceu o andar do marido. Recuou, escondendo-se atrás d'uma cortina. E êle apareceu na sala, envolvendo com intimidade a cintura de Stela Irinea, a sua melhor amiga, a sua intima, a sua confidente. M.me Dorine sustentou o embate d'uma grande revolta, forte para não gritar, para não desmaiar, para não enfraquecer. Teve a coragem fria de presenciar tudo, de ouvir as palavras quentes de despedida entre os dois amantes. Quando, porém, ambos desapareceram pelo portal, caio desfalecida n'uma cadeira.

Pela primeira vez chorava d'amor. Chorava para se aliviar, com um profundo vacuo em derredor, uma desilusão repentina e amarissima. Perdera tudo... Quizera ser boa, ser casta, mas encontrára aquele resultado. Tudo falhára e falhára sobretudo a voz daquela amiga falsa, impiedosa, daquele camafeu incensado de hypocrisias. Chorava, chorava. Alguem bateu-lhe no hombro. Levantou a cabeça.

— São seis horas, *madame*.

— E dahi?

— E' regulamento da casa. Descanso...

Levantou-se. Parecia mais leve. «Para onde ia, Santo Deus?...»

E desceu, passo a passo, pensando na desegualdade dos dois sexos, no eterno, no indecifravel egoismo masculino, demolidor e impotente, mentiroso, sem verdades,

sem preconceitos razoaveis, sem equilibrio estavel. Fôra victima, reconhecendo alfim a grande diferença entre o homem livre, com a predisposição legal da mentira, e a mulher escrava, enganando pelos cantos, a rastejos, como cobra.

Entretanto, o seu mais doloroso arrependimento, depois, foi o de ter sido curiosa de mais...

LIÇÃO PROVEITOSA

Todo aquele que se queixa da ingratidão dos homens é um imbecil, porque só os imbecis é que contam com o seu reconhecimento.

DUMAS FILHO.

Quando Dikson partio da cidade natal contava apenas quatorze anos.

Numa reunião de familia êle recebeu as instruções para a sua nova vida, os conselhos para os seus novos procederes, os ralhos para os seus provaveis desvios. Jámais esqueceu essa reunião memoravel. Na sala ampla da velha residencia paterna, os tios, as tias, os primos, a avó, em circulo, olhavam-n'o com curiosidade e lisonja. O pae era o que mais falava. Dizia-lhe o que devia fazer ao chegar ao Rio, o cuidado em fugir das mulheres e dos camaradas, a pontualidade nos estudos e nos trabalhos. Para velar o seu socego dava-lhe o melhor correspondente do mundo.

— Obedeças ao teu correspondente... que é quasi teu parente... meu filho... Só acredites no que êle disser... Evita as más companhias e os perversos...

E todos, porfiando :

— Sim, Dik... Só acredites no teu correspondente... que é quasi teu parente...

O rapazola ficou com os ouvidos impregnados de palavras sisudas a respeito d'aquele grande personagem. Julgou-se até meio extraordinario por estar ás ordens de

homem tão extraordinario. Partindo afim d'obedecer aos paes, acompanhado d'um creado que o deixaria na capital, com a sua pequena mala e o seu pequeno mundo de phantasias, ficava quasi só, pois o que o levava áquele desterro era o facto dos progenitores terem que ir para longe, n'uma destas viagens subitas de nababos que são maniacos.

O correspondente sacaria sobre um grande banco, para a educação do casulo. Este foi recebido pelo outro, de braços abertos. O outro chamava-se Pedro. Era um typo forte de quarenta anos, amavel, alegre, fraternal. Mesmo na gare portou-se de forma encantadora, na opinião do petiz.

— Então temol-o aqui! Sei que vae ser um bom rapaz! Bem! Bem!

Levou-o logo a uma confeitaria, a um theatro, prometendo-lhe passeios se èle estudasse e dando-lhe uma pequena carteira. O menino endoudecia. Tantos mimos e aquela denominação caliloga de rapaz eram para subjugar d'uma vez um joven provinciano. E foi com saudades, meio constrangido que èle na segunda feira recebeu a nova de que no mesmo dia o colegio o esperava. Os domingos entretanto, seriam de ferias.

Realmente o foram. Foram verdadeiros domingos gordos, plenos d'atractivos, de curiosidades, de chocolates, d'automoveis, d'excursões. Dikson toda a semana sem poder dormir, sonhava os verdes campos, o jardim rutilando ao sol d'Abril, o *lunch* n'algum restaurante e depois como mais saborosa parte do programa uma *matinée* n'algum theatro de variedades. A' noute, aquele

bom correspondente de barba tão bonita tocava-lhe no queixo amigavelmente:

— Agora... ao colegio...

E levava-o...

Êle augmentava a contemplação por Pedro. Pedia, era atendido. Semelhante delicadeza, em parte, enchia-o d'um vago, exquisito alvoroto. Mas, criança, ligava unicamente os gozos a fruir.

Passou-se o primeiro mez e o segundo mez. Êle fez amizades no colegio.

No terceiro mez recebeu do pae, então longe, na Azia, uma carta que terminava com mais conselhos a respeito do correspondente: só ouvisse os seus avizos.

Essa carta coíncidio com um facto que o preocupou vagamente. Certa manhã, Pedro aparecera no instituto, embrulhando-o n'uma discurseira da qual não entendera patavina e que acabava por qualquer locução sobre uma assignatura. Dickson abanara a cabeça, entontecido e o outro lhe dera um papel em cuja parte inferior èle pozera o nome.

Voltando para a sala das aulas, contara o caso aos companheiros. Um, o mais velho, perguntou-lhe:

— E que tinha o papel?

— Não sei. Não li — respondeu o menino.

— Fizeste mal.

— Porque?

— Por nada. Este teu correspondente...

Quem assim se exprimia era o alumno chefe da turma, dezenove anos, esplendidas aparencias e um tom singular de mando sobre os outros. Em vez porem de

sua observação calar no animo de Dickson, chocou-o. Dikson pensou intimamente que o colega era um intrigante e pensou ainda mais intimamente nos juizos paternos «só acredites no teu correspondente...» Tudo esqueceu no domingo seguinte, com novos passeios, novos presentes e um agradavel espectaculo nas Folias Dramaticas, onde estabeleceu o seu primeiro flirt com uma visinha de fauteuil que durante toda a funcção não se cansou d'esmagar-lhe os pés.

O colegio nessa semana foi-lhe uma tortura. Odiou os livros, os mestres, os camaradas.

No domingo subsequente, Pedro conservou-o ao lado, até noute. A' tardinha, partindo de subito uma fra se, disse-lhe com indiferença:

— E' verdade... Precisas de roupa, não é, rapaz?... O papá não me deu ordem para isso... mas... eu farei se assignares um pequeno valor... comprehendes... o dinheiro é teu... está depositado em teu nome... Terás uns trajes bem feitos...

— Pois sim!...

Assignara outro papel quadrangular — igual ao primeiro — Mas d'ahi em diante iniciaram-se as necessidades sem «ordens paternas». De semana em semana surgiam mais livros, mais roupas, gastos em lições, etc., etc. Um dia, impacientado, Dickson ousou passar a vista sôbre o papel e leu em letras encarnadas: 15:000$000. Levantou a cabeça:

— Como?... Quinze contos... Precisa tanto?...

O correspondente muito tremulo, retorquio:

— Está incluida a quantia para os proximos exames...

— Desculpe...

E Dickson assignou, tacteante.

Uma pausa sobreveio ao episodio. Durante um mez mais ou menos, Pedro não lhe falou em despezas, tratando-o com mais valia que nunca, desembaciando considerações, a indagar de constante pelos seus estudos, pelos seus preparos, pelos seus afazeres d'interno. Alugia-lhe a amizade que tinha ao seu pae dele, um velho amigo d'infancia, um companheiro dos tempos que Dickson agora desfrutava. «Unicamente para os dous faltara um afeiçoado como o proprio Pedro para Dickson». Dickson cria, repetindo comsigo mesmo a phrase paterna: «só acredites nele...» Então o outro endeusava-se e as longinquas suspeitas derruiam.

Mas eis chegou uma carta da Azia. O pae comunicava a Dickson o regresso no mez proximo. No dia 10, pelos calculos feitos pretendia estar no Rio. Que alegrão para o casulo! Mostrou a missiva a Pedro.

— Já vês que o papá...

— Sim, o papá!...

— ... De volta... tomará conta de ti...

Ële respondeu uma exclamação triste. O outro consolou-o, afirmando qne o procuraria sempre. E disse-lhe:

— Havemos de ir receber teu pae, queres? Um passeio magnifico...

O menino aceitou com jubilo, tendo porem que assignar mais um *papel* para despezas de viagem e um presente ao papá «um presente regio que comoveria certamente o papá.» Esperou com a impaciencia melíflua dos

seus quatorze anos incompletos de provinciano. Ha seis mezes estava no Rio, longe dos seus, longe mesmo de qualquer agazalho familiar. O convivio de poucas horas com o correspondente não chegava bem para fartar-lhe o peito de socego: êle sentia como todos os da sua edade o anhelo d'essa preguiça que nos ricos é o contrario do tedio e nos pobres é o aborto do tedio... Absorvia-o a saudade philanema das estradas, do arvoredo, da liberdade cabal. Pensava então que, com o retorno dos progenitores, voltaria á terra, continuaria o antigo viver. O outono fervilhava perto, prometedor e bom.

O correspondente garantira vir buscar Dickson no dia 9. O paquete procedente da Azia, chegaria na manhã seguinte.

Mas Pedro não veio.

Porque não viria? Porque não viria? Esta pergunta atormentou-o durante toda aquela enorme segunda-feira de 9. Esperou vestido, prompto, inquieto. E êle não vinha... Porque não viria?

A noute passou-se comprida, enorme como a segunda-feira. Ao sol nascer, Dickson esperava ainda, esperava sempre. Acudiam-lhe mil raciocinios:

«Com certeza o papá mandou-lhe algum telegrama á ultima hora... mas não... com certeza está doente... mas não... com certeza alguma desgraça... mas não...»

E era um nunca findar de duvidas, de contradições. Com certeza... como êle poderia suspeitar da verdade?...

O pae chegando, admirara-se de não haver ninguem para recepcional-o. Meteu-se num taxi auto dando o endereço do colegio. O filho abraçou-o, chorando.

— Que?... não recebeste a minha carta?...

— Sim...

E explicou a ausencia do correspondente. O pae murmurou:

— É curioso!

Depois perguntou se o pequeno sabia onde Pedro morava. E como recebesse uma afirmativa, disse:

— Vamos até lá.

Foi, encontrando fechada a residencia do outro. Indagou d'um visinho.

— O senhor Pedro embarcou para a Europa!

Então a verdade saltou crua, alarmante. O ricaço provinciano percebeu num segundo quanto pezava a sua confiança pelo outro, agora indignando-se por saber que o filho assignara documentos de valores ignorados. Vingava-se flamejando clamores d'esta ordem: «mas tu, meu filho, és um burro, és um burro!» E torto de colera correu ao banco, esclarecendo-se do resto do desastre: a fortuna do pequeno fôra desbaratada.

O pae quiz bater no casulo, quiz leval-o ao xadrez, quiz excomungal-o.

— Perdeste a tua fortuna... és um burro... tens que comer da nossa...

E perante este egoismo, o pequeno respondeu com irreverencia:

— Hé! Hé! Eu... mas você, pae... ordenou-me que só o ouvisse... que só confiasse nele.

O pae lembrou-se e perdoou com um perdão tambem egoista, pois que o atingia antes d'atingir ao filho.

E eis porque Dickson, hoje deputado e colaborador de revistas financeiras, desde então, jamais quiz aceitar conselho algum.

O NUMERO 1.317

... E êle pegou nessa estatua, que era obra sua, colocou-a num grande forno e entregou-a ao fogo. E com o bronze da estatua da *dor,* que *dura eternamente,* fez a estatua do *prazer, que dura um só instante*...

OSCAR WILDE

Contra a vontade de todos, contra as fervorosas admoestações do medico, Julio Fameta conquistou o emprego no archivo. Foi para êle um alegrão a hora em que o deram como nomeado. O sexagenario juntou mãos ambas numa serena contrição e agradeceu ao chefe.

— Não ha de que, disse-lhe este. Sinto-me bem, por tel-o servido.

— É que... o meu ideal... coisas velhas, papeis antigos...

E Julio Fameta imediatamente apossou-se do seu logar d'archivista, começando a luta contra os sujos oficios seculares. Tinha edade avançada, estatura meã, gestos sobrios, uma magreza original que lhe dava ás pernas um quer quê de cegonha. Falava pouco, monomaniaco pelas estantes cobertas de capas de couro. Desde muito, quando se fizera empregado publico, cubiçava aquele logar quieto e vigilante. Trabalhara sem gosto em varios ministerios, como um verdadeiro empregado publico. E êle — o pobre Julio que nunca fôra positivamente um homem de futuro, — resumia o typo do burocrata ; serio, sisudo, pontual na assignatura do livro da porta, falando acacianamente, solenemente, augustamente.

— A existencia, afinal, tem que ser levada assim... — dizia, com aquela majestade tão conhecida nos corredores ministeriaes.

— Sim... de certo que sim. A gente recebe o mez intacto e reparte com os filhos e a mulher!

— E para que o mundo se desmoronou com a classe d'esses infames libertinos? Dizem até que as mulheres do dia, os figurinos... Ah! o meu tempo!... o meu tempo!...

O tempo de Julio resumia uma mocidade presa ás birras paternas, sem estroinices, sem vislumbres d'arte. Nunca conhecera a deliciosa sombra d'um vestido que treme d'amor; nunca escondera uma carta sofrega, molhada de lagrimas e de sonhos; nunca sofrera; nunca fôra amado; nunca tivera remorsos. A sua velhice era um mixto de santidade e d'inocencia.

— Ah! o meu tempo, o meu tempo!...

Um dia, visitou, pela primeira vez, um archivo. Logo sonhou a poeira que desce dos papeis, contendo velhos segredos, e logo sonhou remexer-se dentro de toda aquela poeira. Pedio a um deputado, pedio a um senador, pedio a um ministro. Foi nomeado, eis tudo. E iniciou a sua vida dulcissima d'archivista.

Os companheiros tiveram a dita curiosa de seguir a transformação operada no seu todo obsoleto. Sim, porque Julio como que se tornou uma outra creatura, um outro Julio mais aperfeiçoado, mais Julio Fameta, mais burocrata. Ainda bem não se abria a repartição e já êle entrava impertigado, com a pasta debaixo do braço, o chapéo arrastando-se pelo soalho, um cigarro delgado

preso ao canto dos beiços. Levava horas sem nada pronunciar.

— Então, Julio, como vae isto?

— Bem... Bem...

— A familia, bòa?

— Todos bons... A proposito, vi... mas é interessante...

E animava-se, sobre algum oficio importante que lhe passára pelas mãos. Que raio de felicidade! 1815, um oficio de 1815... Gesticulava:

— Passou-me pelas mãos... eh! eh!... interessante... um oficio de 1815... A photographia, os nomes... e dirigido ao ministro!... É curioso!... Que oficio importante!

Fechava o paletot e, depois, mais pausado:

— Esplendido ser-se archivista!... glorioso... porque só nós temos esse prazer!... Eh! eh!

Realmente, era a sua mania, era o seu gozo supremo remexer as velharias oficiaes. O excentrico velhusco babava-se de gloria. Julgar-se-ia admirado por toda uma população, admirado principalmente pelos estragados vultos historicos, cujas assignaturas estudava meticulosamente. Mas, ou por efeito da sua preocupação sem termo, ou por efeito da sua ruina physica, a velhice pareceu atacal-o com um prodigio sobrehumano. Converteu-se de repente num encantador velhinho de lenda: muito branco, muito pacato, muito limpo.

Recebiam-n'o, quando èle entrava na ampla sala de trabalho, com cumprimentos nada ironicos.

— Então, Julio, mais oficios importantes?...

— Muitos... Eh! eh!... Muitos oficios importantes.

Curvava-se sobre a mesa, desfolhando, dobrando massos amarelos de cadernos. E nunca terminava.

De dia para dia, a sua obcessão aperfeiçoava-se, a sua curiosidade descobria novos horizontes. Tocava familiarmente nas lombadas, em fileiras protegidas pelos vidros. Consultava, sem jámais cansar-se, e, afinal arranjando um caderno azul, nele anotava as grandes descobertas: reservados da monarchia; intrigas das provincias; episodios de guerras; traições revolucionarias; ordens politicas importantes; missivas confidenciaes dos generaes da côrte.

— Eh! eh! — grunhia, rindo. — Eh! eh! Belo!... não ha como o archivo... Todos os grandes homens na minha mão! Eh! eh!...

Emfim, os seus companheiros resolveram desgostal-o. Como? Julio sempre quieto, sem inimigos, era uma excepção que merecia castigo. Ha um mundo de gentes inferiores, para o qual todo o individuo precisa do retrato, descolorido e sorno.

Os companheiros começaram talvez a antipathizar o velho, talvez a odiál-o. Porque? Não sabiam. Mas o velho era superior a eles nesse ponto original; possuia essa particularidade que eles não possuiam; era apaixonado ao passo que eles eram indiferentes. Resolveram fazer-lhe mal.

— Decididamente o tolo carece ser ensinado!

— Si entendesse d'aquilo!...

— E a falar em monarchia! Em colonia! Sabe lá nada de historia!

Êle, porém, alheiava-se ao mundo que circulava em seu redor, sem ouvír os gracejos, sem ouvir as más lisonjas. Ultimamente preocupava-o um caso original. Descobrira uma serie d'oficios confidenciaes, rubricados por S. M. Imperial, nos quaes se desenrolava uma grande intriga passional: dois assassinatos, o roubo d'um brazão, a captura d'um conde de nobreza hespanhola. Era o cumulo! Julio rejubilou.

Conseguio com muito custo, com muita paciencia, concatenar os principaes documentos, pela ordem numerica: 1.314, 1.315, 1.316, 1.318, 1.319. Juntos os cinco oficios, a intriga suspendia-se no meio, pela falta do principal, o n. 1.317, o terrivel numero que servia de denuncia e de chave a todo o segredo. Êle procurou, certo d'encontral-o, empregou toda paciencia em esmiuçar os cantos das estantes. Era preciso achar esse oficio, esse infernal numero 1.317.

A sua sinceridade comunicou a doce inquietação aos companheiros que riram á socapa.

— É chegado o momento. Façamos uma partida ao velhote.

— Como?

— Ora essa, o 1.317...

Juraram então a partida. De que maneira? Sabiam lá! O essencial era a realização d'ela.

O outro, no emtanto, continuava a obra de busca. Vigilante, invulneravel, perdeu-se de desassocego, encerrando-se num mutismo eloquente, sem arrogancias.

Os cinco oficios da questão, de tanto estarem nas suas mãos encebaram-se, limpos da poeira perdida. Êle,

branco de neve, sorria para o combate. Adivinhava proxima a victoria, percebia, como o cão que fareja, o olfato do pó revelador.

— Ensina-se ou não, ao velhote? — perguntava um companheiro ao outro.

— Esperemos. Nada se perde...

— Mas, façamos a partida...

E de tanto a esperar, fizeram-n'a. Depois, no sorvedouro d'um espanto horrivel, jámais poderam medir o comprimento desse desastre. Foi positivamente numa segunda-feira de junho. Ruins d'estomago, pelo descanso anterior passado ao sabor do desejo, tinham travos na boca, restos de suculentas bebedeiras burguezmente domingaes. Os ultimos dias do mez arruinaram-lhe os nervos, pelo pensamento dos bolsos desprovidos. Estavam nesse periodo formidavel em que os homens só pensam em se odiarem mutuamente.

Julio Fameta, ao contrario de todos, entrara na repartição de rosto prazenteiro e fainara cantarolando, o que ha muito não fazia.

De instante a instante, subia escadas, descia escadas, estirava os braços para as lombadas. Houve um momento em que toda a sua atenção se concentrou num masso empilhado. Tomou-o, correu-o, estudou-o. Aproximações de mezes e de datas e uma nota *referencia* iluminou-o. Emfim! Emfim! Emfim! Ia descobril-o, o maldito, o extraordinario oficio. A *referencia* indicava a estante onde êle se achava. Correu, agarrou uma escada, trepou com ligeireza de rapaz. Emfim! Emfim! Emfim! Um grito de victoria irrompeu-lhe do peito.

— Meus amigos! O n. 1.317...

Os amigos correram para o pé da escada, rindo perversamente. Sobre todos pairava um gaguejo rouco de sujidão.

— Ouvem, meus amigos? E Julio Fameta gritava-lhes: Ouvem? Achei finalmente... o n. 1.317...

Então, como movidos por uma mola, os de debaixo se entreolharam numa muda decisão, arripiados por uma estranha frialdade homicida. Estiraram as mãos crispadas, segurando a escada. E...

— Emfim! Ouvem, meus amigos? Aqui... o n. 1.317... aqui... eil-o... o n. 1.317... o n. 1.3...

A phrase foi cortada por um berro de horror. A escada, puxada pelos de baixo, vacilára, rangendo. Em cima, jogado pelo choque contra as vidraças Julio Fameta contorcia-se. Julio Fameta, meio suspenso deslocava-se, sob estertores, colhido por uma resma de grossos papeis que lhe prendiam a cabeça, emquanto a porta da estante lhe aprisionára o braço esquerdo, quebrando-o. Perdendo a vida, em convulsões, èle ficára com as ultimas palavras nos beiços lividos, como uma consolação eterna:

— Ouvem?... o 1.317... o 1.31... o 1.3... achei-o... achei o 1.3...

O ANEL

Ha momentos nos quaes se pode facilmente e d'um golpe, julgar uma alma.

NIETZCHE

I

Em Agosto começou a miseria: gastaram-se os ultimos nickeis. Caío o desanimo sobre o quarto outr'ora alegre, donde por uma janela simples se desdobravam os telhados da parte baixa da cidade.

O frio chegára, entrementes. Os dous amigos venderam os sobretudos, as roupas dispensaveis, os livros.

Prospero perguntava a Voline:

— Então? Que faremos?...

Dias inteiros, noites inteiras Voline meditava, de mão no queixo. E o frio, sempre aquêle frio d'inverno, rispido, penetrando na pauperrima mansarda! Lá fóra a chuva enfadonha e humida. O céo teimava em parecer algodão sujo.

E os dois amigos... sonhando... Que tinham feito na vida senão sonhar? Um, Voline, filho de lavradores, era delicado como uma criança. Desde pequenino, ensinaram-lhe o bem. A mãe, para êle, nunca teve uma palavra severa. Dizia-lhe em tom de repreensão:

— Meu menino! Meu menino!

*

E êle baixava a cabeça, confuso como se acabasse de suportar o maior sermão do mundo.

O outro, Prospero, fôra creado perto d'êle, d'uma familia mais abastada. Desde tenra edade a amizade entre os dous crescera como uma planta util num pequeno jardim. Estudaram no mesmo colegio e numa bela manhã d'esperanças vieram para o Rio, crentes em vizionarias eudias.

Não venceram. Bracejaram na lucta contra uma sociedade fechada aos que *vêm de longe*. E é sempre mais ou menos assim o romance dos que querem vencer. Ha primeiro a tortura do pão. Depois o odio surge como vanguarda de sentimentos, substituido enfim pela indiferença que mostra a cara aos arreganhos invejosos dos proximos.

Prospero e Voline não venceram: sofreram — o que vem a ser quasi o mesmo.

Era pois desesperada a situação d'ambos. Aquilo parecia uma *Bohemia*, como no livro de Murger.

Uma tarde Voline disse a Prospero, com misterio:

— Irmão, uma idéa...

— Fala — animou o outro.

— Uma bela idéa... Mas, tenho remorsos, muitos remorsos... Não... Não...

E em posição tragica, roeu as unhas. Abismava-se em reflexões.

— Ora! — continuou de repente estalando os dedos — Resumirei... Dous dias antes de partir, meu pae chamou-me a um canto... O bom velhinho disse-me com os olhos razos d'agua: «Vaes partir, meu filho...

fazes bem... A vida é isso... Eis porque encaro a tua viagem como um facto natural que tinha de suceder mais cedo ou mais tarde. Estimo a tua felicidade. Desejo porem que leves uma lembrança minha, este anel que foi de teu avô...» Meu pae deu-me o anel... Desde então, Prospero, não me separei d'êle. E' pezado... duas pedras brancas... Ha cinco dias penso em vendel-o, resistindo á minha infamia... Uma lembrança de pae, uma saudade de familia, comprehendes?... Nunca...

Prospero não respondeu. Voline suspenso, esperou.

— Fazes bem — disse afim o outro.

— Sim... mas... mas...

E espiava-o desconfiado.

— Mas... mas... e nós?...

O outro estendeu a dextra, patriarchalmente:

— Como queiras...

E d'esta comedia quasi muda ficou resolvida a venda do anel.

Na manhã seguinte, cedinho, á hora justa em que se abrem as casas de penhores, sahiram. Por felicidade não chovia. O inverno fizera tregua, banhando a cidade com um sol gelado e preguiçoso.

A casa de penhores era na rua da Cadêa uma sobreloja sordida, com esse cheiro especial assignalado pelo eterno principe da literatura — Balzac.

Os dous amigos chegaram á escada. Mas faltou a Voline coragem para vencer aquele derradeiro reducto.

— Bem podias ir só! — lembrou êle a Prospero.

O outro ajuntou:

— Muito me custa ver passar das minhas mãos para as mãos do agiota esta recordação paterna...

E compadecido decidio Voline a esperal-o na esquina. Só, subio as curtas escadas.

Voline esperou-o no local convencionado. De pé, encostado á parede, os minutos lhe pareciam seculos. Em cada transeunte via uma censura. E estremeceu quando lhe surgio em frente, de subito, uma figura amassada em barro, uma velha desdentada cujas mãos osseas se lhe dirigiram sofregamente pedindo esmola. Êle procurou nos bolsos e não achou. A velha rio com um *eh! eh!* monstruoso.

Êle esperou um minuto, dous minutos, tres minutos... E Prospero? como custava, Santo Deus! Impacientava-se, faminto.

Enfim! Enfim!

II

— Meu querido Voline! Meu querido Voline!

Prospero trazia um desapontamento amargo.

— Meu querido Voline!

— Anda, dize logo... Que houve?

— Que houve? — E a voz do outro ciciou: — Meu querido Voline, o anel era... de *plaqué*...

Num momento Voline transformou-se. Afluio-lhe ao

rosto o sangue. Seus braços cerraram o espaço num rufo macabro. Procurou dizer, e só conseguio gaguejar:

— De *plaqué?*... como?... de *plaqué?* de *plaqué?*...

Jogou ao chão, raivosamente o anel que rolou celere para a proxima sargeta. Sahio a passos largos... largos... E repetia com força, arrastando-se miseravelmente, aos pulos, em caminho do futuro:

— Essa!... De *plaqué?*... de *plaqué?*... Meu pae quiz brincar comigo?!...

O seu gesto, comtudo, inferiorissimo, valia por uma epopéa...

O CRIME RAZOAVEL

No dia 24 de novembro desembarcava eu na *gare* de Digoin, alquebrado por pessima aventura e ruminando projectos decisivos. Viera de Paris com uma maleta e o dinheiro essencial para dias resumidos. A minha vida ia seguir caminho tortuoso.

Digoin é uma pequena vila nas margens do Loire, com 18.000 habitantes que trabalham numa das maiores fabricas de faianças da França. Foi lá que me fiz operario.

As pilherias barbaras e as más ofensas doeram-me no começo d'essa carreira. Certa vez derramaram-me na cabeça grande pote de tinta vermelha. Outra vez obrigaram-me a segurar enorme vaso d'agua fervente. Tive as mãos em chagas e não desanimei. De resto, em quinze dias tudo cessou.

Eu sofria. Olhava o meu passado dificil, a minha juventude ruidosa, os meus sonhos de civilisado em ruina. Como! Viver entre a sêda e o orgulho e descer tão desastradamente? Gastar doze mil francos por mez, ter amantes caras, entreter finas relações, jogar, viver ocom um crapuloso radiante, um paria e, subitamente mergulhar, mergulhar sem esperanças? Entristecia. Amaldi-

çoava essa mademoiselle Claire Dorz, esse demonio de dansarina exquisita, esse camafeu que numa só noite me roubara — dinheiro e ambições. Via-a numa sala do Café Americain denunciar-me a um agente, com as seguintes palavras estupidas: «Expulso do seu paiz... ladrão e batoteiro...» Após dois mezes de cadeia a policia expelia-me de Paris como qualquer entidade perigosa. O desanimo levou-me a Digoin. A policia apoderára-se dos meus papeis e da minha fortuna, fortuna recebida a troco de traições diplomaticas e papeis onde eu encerrava correspondencias com nihilistas italianos e falsos moedeiros argentinos.

Tirando-me d'um crime a ordem espiona empurrou-me noutro crime.

Muita gente soliloquará a respeito da vida que encetei. Mas em verdade, depois da minha prisão, um largo estoicismo me fez entrever mundos uniformes. Observei que nada podia esperar da sociedade e que deveria entregar-me ao proprio destino. Parecia que, tornando-me operario, essa sociedade ficaria abaixo do meu *Eu* e abaixo da minha miseria.

Em duas quinzenas d'aprendizagem consegui o documento de trabalhador. Ganhava quarenta ou cincoenta francos semanaes. Colava flores bizarras sobre vasilhas multicôres. Era penoso, no fim, carregar d'uma extremidade á outra da fabrica, cinco ou sete potes, ao mesmo tempo um peso de oitenta kilos torturosos para quem nunca teve myster grosseiro. Qu'importava porém? Regenerava-me.

Em algum tempo reconciliei-me com minha mãe, la-

vadeira numa cidadela do norte da Italia, lado Mediterraneo. A boa velhinha fôra desprezada pela minha insolencia, quando valdevinos da alta ladroeira internacional. Comecei a remeter-lhe algum dinheiro. Ela agradecia-me, queixando-se do peito, só, com uma neta e a inconsolavel viuvez.

Sete mezes depois da nossa reconciliação, ela encamou. Pude ajudal-a então, pois tornára-me um operario exemplar. Na fabrica, os patrões confiavam na minha seriedade, na minha actividade, na minha sobriedade.

— Esplendido braço! — diziam.

— Um valente!

Eu tudo aceitava com glacial indiferença.

De subito recebi uma carta terrivel. Minha mãe estava desenganada. Bons remedios dar-lhe-iam semanas de vida. Corri ao nosso pagador e pedi-lhe dinheiro adiantado.

— Quanto? perguntou-me êle.

— Cem francos.

Êle deu, careteando. Quatro dias depois recebi outra carta. Minha mãe queria ver-me antes de morrer. Desvairei. Era preciso fazer-lhe a ultima vontade.

Ora, sendo sabado, a fabrica fechar-se-ia ás seis horas da tarde e os operarios receberiam as férias, turma por turma.

A turma da qual fazia parte eu, compunha-se de quinze trabalhadores. Recebiamos separadamente o ordenado, num gabinete onde o thesoureiro se trancava. Naquele sabado eu era o ultimo da turma e por conseguinte o ultimo a ser pago.

Chegou a minha vez. Comuniquei ao caixa:

— Necessito de duzentos francos...

— Para que? — indagou-me com espanto.

— Para assistir a alguem que vae morrer...

Êle replicou friamente:

— Impossivel.

Retruquei:

— Necessito de duzentos francos...

— Não...

A colera assaltou-me. Tergiversei com desgostos:

— Escute-me... É, para minha mãe... sim... minha mãe que me chama... minha mãe que vae morrer e que me chama... Pagarei... porque não?... Pagarei em dois mezes, com a metade dos vencimentos.

— A fabrica não adianta grandes quantias. Além de tudo, sua mãe não reside na localidade. O senhor sabe como são encarados os casos de molestia nas familias dos operarios... quando as familias residem no paiz... Pago-lhe a semana, descontando algum dinheiro do adiantado... e eis tudo...

Que alegar ainda? Como humilhar-me? Entretanto era preciso humilhar-me. Tocante e sincero, disse áquele homem servente o que jámais dissera a pessoa alguma. Descrevi-lhe parte da minha existencia, parte dos meus desgostos, dos meus remorsos, da minha mocidade. Fui sentimental. Contei-lhe a infancia que gozara com essa mãe que me chamava e que não me via ha mais de quatorze anos. Conclui apresentando todo o lado altruista do seu gesto, se me servisse. Êle deixou-me garrir e fez secamente:

— Impossivel. Sáia para vir a outra turma.

— Hein?!...

— O senhor aborrece.

Avancei dous passos:

— Cão! Porque não póde me servir? Peço-lhe... Porque não póde me servir?...

— Porque não quero.

Então perdi a cabeça. Abafei um rugido e agi sem noção exacta dos meus movimentos, mas com uma lucidez agressiva e perversa. D'um salto alcancei o calaceiro, esmaguei-o com um olhar sanguinolento. Ainda sinto o seu halito que me produzio o efeito d'um punhado de lama. Ainda o vejo tal qual me apareceu nessa ocasião: pequenino, chato, com uma larga figura onde o espanto retratava uma covardia mui bordalenga. Êle não se julgou perdido, comtudo, ou julgou-se assás forte na sua soberania de patrão. Porque não deu o alarme? Porque não chamou? Orgulho ou timidez? Orgulho... Como chefe, quiz castigar, como homem, quiz imperar. O seu braço procurou repelir-me, magoou-me. Grunhia colando-me a êle:

— Duzentos francos... duzentos francos...

O outro chacoteou:

— Nunca... nunca...

Instigado pelo odio, tornei-me mais robusto. Resolvi matal-o... Libertei-me e agarrei-lhe as orelhas, demoniaco, esgarrento. Recuei uma perna e lancei-a a fundo contra seu ventre. Êle quiz gritar. Mas a voz extinguio-se-lhe na garganta e uma palidez contenciosa cobrio-lhe o rosto em convulsões. Sentia-me presa da doce urgencia

de matal-o. Experimentei-me acalmado, quasi feliz quando êle vacilou. Foi com desdem, sem nenhum grande furor, calmo como se jogasse com um campeão menos adextrado, que continuei a bater-lhe, que continuei a demolir a sua physionomia até deixal-a em penduricalhos — olhos fóra das orbitas, dentes partidos, queixo inferior impossivel de movimento. Por fim êle cahio. Apressei-me para a mesa onde havia dinheiro. Enchi os bolsos das calças. Compuz-me. Sahi. No corredor encontrei camaradas.

— A turma seguinte...

E exclamando isto, escorreguei pela porta mais proxima, correndo. Fugia do crime com alguma cousa que não era remorso. Passei rente ao castelo de Joubecourt com as suas grandes castanheiras sem folhas. A *Cantine*, onde comem operarios e vagabundos, regorgitava d'irmãs de caridade. Alguem chamou-me, mas não fiz atenção. Prosegui a corrida pelos caminhos que zigzagueam na base das colinas, atravessando a ribeira de dous metros de largura, que vae do *Canal* até ao *Loire*. Alcancei a Cité, a pequena *gare* de Digoin e tombei sobre um banco. Mas imediatamente a sineta deu alarme. Aproximava-se um trem.

Comprei uma passagem de terceira.

Cinco horas depois saltei em Lyon e com nova passagem até Marselha, embarquei para a Italia.

Ha banalidade no meu crime? Ha banalidade na minha ação? Não olho isto. Agora, escrevendo, vejo sómente a conclusão de tudo; consegui ver minha mãe. Ela morreu. Eu fugi. Separamo-nos mais uma vez...

Se eu não fosse operario, teria o dinheiro que precisasse, como quando era um escroc. Rehabilitando-me, fui forçado ao crime. Escroc ou operario...

Não existe positivamente caminho salvaterio. Sim, existe um caminho que me assegura a tranquilidade, esse caminho que retomei e que me foi presenteado por um patrão: a aventura. Como aventureiro tenho mais liberdade. Os homens temem-me, assim. Os homens e os patrões...

O MOMENTO

A MAGALHÃES CARNEIRO

> Ha mais nobreza d'alma em suportar as ferroadas e frechadas da fortuna ultrajadora, ou em armarmo-nos contra um mar de dores e fazel-o parar, combatendo-o?
>
> SHAKSPEARE.

Creio que não pode haver nada comparavel a esta dôr produzida por um caso especialissimo, no qual o embate dos impulsos foi sobrepujado pelo raciocinio feroz. Creio mesmo que esse caso *especialissimo* se torna para muitos de dificil comprcensão.

Henriqueta casada comigo ha dezenove anos, mostrou sempre a maior pureza. Viviamos felizes, sem a minima nuvem que toldasse a nossa existencia. Eramos o que vulgarmente se chama *um casal de pombos:* nem arrufos, nem sobresaltos, nem suspeitas.

Nove mezes após o matrimonio, nasceu a unica filha, Delia, que desde então foi a nossa unica preocupação. Voltando do armazem, eu trazia-lhe uma boneca, um carreto, um soldado de chumbo. Com que saudade relembro! Parece-me vel-a, pequenita, a saltar-me ás pernas, abraçando-as com os bracinhos gordos e sujos. Os seus cabelos brilhavam, eram d'ouro. Ela corria a casa, o jardim, escondia-se para eu procural-a. Embora soubesse o seu esconderijo, fingia-me atrapalhado, o que muito a lisongeava.

— Papá! Papá! adivinhe!

Delia surpreendendo-me de costas, cingia-me a ca-

beça, colocando os dedos, em venda, sobre os meus olhos.

— Papá ! adivinhe...

— Quem é?... Quem é?...

— Não sabe... eh! papá! não sabe! não adivinha!... papá não sabe...

Tornando-se a minha loucura, Delia augmentou-me a amizade de Henriqueta. Moravamos em Copacabana. A nossa casa olhava para o mar e para as montanhas, cercada de trepadeiras que se enroscavam nos gradis e nas palmeiras, sumptuosa como uma *lojia* romana.

No inferno em que vegeto, lutando comigo mesmo, sofrendo como um emigrado maldito, são estas recordações as que mais me acabrunham, que mais me enterram num infindo, disgamico lucto.

Em Copacabana a nossa vida! Henriqueta cifrava o typo sonhado pela maioria dos homens para companheira. Felicitava-me vendo-a sair aos domingos, muito correcta para a missa da Bom-fim. E com que ar santo ela defendia as suas opiniões religiosas quando eu propositalmente atacava Christo e a virgindade de Maria! Muitas vezes a sua mão fechou-me graciosamente a boca, após qualquer blasphemia.

— Christo? — resmungava eu. Christo foi uma besta.

— Hereje! — respondia-me — Grande hereje! Isso não se diz...

— Perdão... Christo foi um pandego.

Por habito, costumava incomodal-a na sua seita. O

meu arrependimento hoje, é tenaz. Nunca devemos procurar em outrem aquilo que não queremos que procurem em nós. Eu tinha a torpe mania de contradizel-a. Terá isso influido? Não sei, mas o edificio derruido teve como causa a má construcção que lhe dei.

A pequena Delia crescia com os anos que passavam e a sua educação se esmerava. Aos doze anos fez comnosco uma viagem á Europa onde praticou o francez e estudou no conservatorio de Milão.

Voltou graciosa, tendo amor pelos figurinos e pelos vestidos caros. Orgulhava-me de possuir semelhante *tetéa*. Assim a chamavamos.

A *tetéa* fazia verdadeiro furor. Olhos cravavam-se vorazmente nas suas toilettes, ambições atingiam o leve rosado de suas faces.

Neste progresso chegou aos dezessete anos, quando se apaixonou. É um pouco duro para um pae escrever com desprendimento um *quando se apaixonou* referente a sua filha. Mas, eu brado aos ceus a minha franqueza: sou pae, sou marido, quem sou eu? Conhecerão adiante as causas de tal interrogativa.

Delia apaixonou-se por um rapaz que a amava realmente, Celso d'Ambrozio, filho unico do milionario Braulio d'Ambrozio, da firma Ambrozio & Comp.

Ao ter conhecimento da paixão, alegrei-me. Mais d'uma vez me passara pela cabeça a idéa d'um mau casamento.

Entretanto construia a minha obra, inconscientemente, estupidamente, aplicando-lhe fracas energias. O

alevantar surdo do edificio fez-se vagaroso. Dia a dia, mez a mez, ano a ano, subia um degráo de miseria, enegrecendo-se ao mesmo tempo que se modelava. Ha indubitavelmente milhões de homens, que em toda a humanidade têm cometido egual crime. A minha obra era um crime hediondo. Não tomei precauções, não me preparei para o arrependimento, não quiz siquer abrir as ouças da inteligencia: Fui judas de mim proprio.

Irritei Henriqueta. E' ahi que está toda a falta. Aquela alma candida, transparente como o mais raro crystal, foi osculada pelo meu sopro d'estupidez impura.

Que poderia ganhar magoando-a nas suas crenças, humilhando-a nas suas ingenuidades? A pertinacia em dizer mal da religião acabou quasi separando-nes. E comtudo não me portava por maldade d'instinctos e sim pela tolice de fazer espirito. Para mim era extraordinariamente engraçado o meu procedimento.

Uma vez ela ausentou-se. Dirigi-me ao seu oratorio onde se viam multiplas imagens de santos e santas, rozarios pendentes, livros d'orações, depositos d'incenso — a disposição d'um oratorio de casa particular. Podiam ser 9 $^1/_2$ da manhã. Desarranjei tudo — as imagens debaixo da meza, os livros espalhados pelas cadeiras, os rozarios ao redor dos pescoços das santas, como para as enforcar, os depositos d'incenso entornados. Eu ria-me como uma criança travessa, lembrando-me da sua indignação e depois, do perdão que me concederia em seguida a um beijo. Para cumulo, interessei-me pela figura d'um frade em posição humilde. Agarrei no frade e preguei-o na parede. E em baixo, com um grosso lapis,

escrevi estas palavras infames, nuns versos que sairam faceis como a minha ação:

> No principio era o caos. O ser supremo então
> Convidou Satanaz para fazer o mundo.
> E do Nada surgio inteira a Creação,
> Inteira, grande e bela. O diabo iracundo,
> Inventou a perfidia, a hypocrisia, os erros,
> E Deus lhe antepoz a Ternura e a Bondade,
> O Demo uivando então, aos pinotes e berros,
> Os males resumio num só: e fez o Frade.

Á chegada de Henriqueta, escondi-me atraz d'uma cortina para testemunhar. Que especie de disfarce me avassalava neste momento?

Henriqueta, logo ao primeiro golpe de vista, comprehendeu donde partia *aquilo*. E — ultima vez que a vi assim, ultima vez — presenciei uma revolta, uma dor patente na sua physionomia esmaecida. Em breve as lagrimas brotaram-lhe dos olhos, as suas mãos estenderam-se para pôr em ordem as imagens, os seus dedos acariciaram-n'as. E sempre chorando. Leu os versos. Rompeu-os com um pequeno grito de hyena enraivecida. Nesta ocasião naturalmente odiava-me. E eu comprehendia tão razoavel devia ser esse odio, que não ousava aparecer, encolhido, protegido, coberto pela cortina.

Não sei se foi devido ao choque, a doença que a atacou. Na cama, entre as cobertas, tiritou mais d'uma semana, com febre. A minha presença (efeitos de desvario?) horrorisava-a.

Como que a luz se fez, de repente, assenhoreando-me tardiamente da minha infamia. Remorderam-me remorsos vivos.

De que forma obter o perdão, o esquecimento de todos os males que lhe causara, reconquistal-a sem repulsão? Problema irresoluvel. Não se fere impunemente um coração de mulher.

Suportei nesses dias d'arrependimento as maiores torturas. Sofri.

Felizmente porém, Henriqueta entrou em convalescença. Já melhor, pela manhã e pela tarde passeiava vagarosa, ao longo da beira-mar, acompanhada de Delia. Eu ficava trancado no gabinete, a principio; terminando por acompanhal-as a distancia, trocando rapidas frases.

Que passeios! Pelo estio, o sol era d'ouro. A praia, amarelada, curvava-se até ao Leme. Grupos de raparigas e rapazes andavam para cá e para lá, joviaes, vestidos ligeiramente de toilettes claras. A certas horas os pescadores extendiam as redes, gritando, de troncos nús. E recolhiam os peixes, cercados da admiração dos curiosos que se juntavam ao redor.

O ar salitrado do mar, os meus cuidados e os do dr. Florius, nosso medico e sobretudo nosso amigo, a ternura da filha, tudo concorreu para o prompto restabelecimento de Henriqueta.

Mas, terminaram as intimidades: as nossas almas, divorciadas. Continuei a vida comercial, diariamente indo á cidade onde passava seis horas entre os meus negocios que não corriam bem. Havia duas luctas em mim: a do coração e a da pratica argentaria.

Entretanto, Henriqueta d'antes d'uma gravidade de freira, não suportando o rumor das Avenidas, agora, tres vezes por semana aparecia-me ao escriptorio, enfeitada d'elegancias luxuosas. Pedia-me dinheiro, ou para automovel, ou para compras. Espantou-me a mudança da beleza madura de trinta e seis anos. Realmente, toda a sua formosura explodia em risos pretenciosos.

Ela e a filha, juntas, formavam um quadro que seduziria o mais frio dos pintores. Uma, de feições mais definidas, de hombros mais cheios, de fórmas mais redondas — outra, fina, bela, esguia.

Um dia, muito cedo deparei Henriqueta vestida deante d'um espelho.

— Vaes sair?

— É verdade...

— Ter-te-hei como companheira de viagem.

Um gesto de contrariedade julguei adivinhar, rapido e contido. Henriqueta passeou duas ou tres vezes pelo quarto sem retorquir.

— Não — respondeu-me afinal. Vaes almoçar ainda, não te quero perturbar o dia... Preciso sair cedo para voltar cedo...

Estupefacto abri os labios para indagar. Mas a pergunta não a fiz. E como ela adivinhasse, ajuntou com indiferença:

— ... Uma festa de caridade... em S. Clemente...

Hoje, só hoje compreendo para onde ia. Por que não tive uma decisão nobre, ao suspeitar pela primeira vez? Esta suspeita, porém, desappareceu logo. Não, não poderia ser. Depois de dezenove anos de casada, d'uma

vida de santa, methodica, seria inacreditavel uma monstruosidade. Eu enganei-me...

Desenvolveu-se a intriga do amor de minha filha. Mais d'uma vez Henriqueta falou-me a respeito. Se o casamento se realisasse, a felicidade futura seria inviolavel, eu equilibraria minha fortuna com a que *ele* me trouxesse. Atraz da pureza grandiosa do amor de Delia, eu escondia o meu tacto comercial.

E emfim, tudo se decidio no dia fatidico — 27 de Fevereiro. O casamento ficára resolvido ás duas horas da tarde. O pae do noivo procurara-me tratando do assumpto. Seu filho, faria o pedido oficial no dia seguinte.

Tornei á casa mais cedo que de costume, assobiando alegremente. Na rua da Carioca comprei uma joia para Delia, um broche cravejado de brilhantes. Tomando o bonde na gare central, saltei na rua Senador Dantas. O bonde caminhava vagaroso, parando de quando em quando e eu não podia cantar nem expandir-me, suando sob o sol quente que penetrava vehiculo a dentro. Aluguei um automovel que desceu a toda velocidade a Avenida Beira Mar. Ás cinco horas chegava.

Agora, escrevendo, todas as minucias acodem-me tumultuosamente. Ouço o mar que roncava, o tinir d'um bonde, o latir dos cães na praia, o sussurro das folhas dos coqueiros. Encontrei o portão aberto e entrei. Encontrei aberta a porta da sala d'espera e segui. Fui até á sala de jantar — tudo calmo.

Minha mulher certamente saíra, pois d'outra fórma não se explicava o abandono, o silencio, a solidão da residencia.

Resolvi então ir para o quarto de cama, pôr-me em trajes caseiros. O corredor tapetado abafava-me os passos. De repente...

Foi rapido o que se passou. Presenti murmurios suspeitos, risadinhas, beijos que estalavam. Dei dous passos cambaleantes, bebedo de duvida, sem poder coordenar idéas desordenadas. E junto ás risadinhas e aos beijos, ouvi palavras ternas, juras soltas por entre as quaes meu nome saltitava.

— Ah! Henriqueta!... Henriqueta!...

Eu, o blasphemador, que tanto desprezava Deus, juntei as mãos na cabeça, balbuciando como num sonho: *Senhor! Senhor!* E as duas sylabas gemiam entre meus beiços, sem poderem passar dos dentes que batiam uns nos outros. Estava desmoronado completamente o edificio mal construido. Num tropel acudia-me todo o passado, o casamento, a nossa existencia calma, o parto, a viagem á Europa, a sua fé religiosa, a minha fingida ironia, o romance de Delia... Os quadros despertavam numa realidade assombrosa, apresentando-me como unico culpado. Quem transformara a creatura candida senão o meu halito pestilento de devasso espiritual? Cerebro! Onde? O meu era lodo. Alma! Onde?... A minha era treva. E uma interrogação pairava comigo mesmo. «Qual seria o resultado, que resultado esperarias tu, bandido?» Certas flores não suportam certos contactos.

Recuei dous passos, subitamente apoderado d'uma energia descomunal. Iria matal-a, estrangulal-a, teria a volupia de gozar os seus ultimos arrancos. D'ahi a dez

minutos nada restaria de vida n'aquele corpo d'adultera transformado n'um molambo de carnes frouxas.

Ela ficaria com os olhos fóra das orbitas, com a lingua fóra da boca, da qual desceria um filete de sangue. E o seu pescoço tão alvo, ficaria com as marcas roxas de cinco dedos assassinos.

Esta decisão terrivel, tombou n'um momento. Perto, d'outro quarto, partio o trauteio d'uma canção tranquila.

Conheci pela voz de minha filha uma das paginas musicaes de sua predileção.

Por todo o meu corpo correu um longo estremecimento. Minha filha! Que fazer? Anda, bandido, raciocina, tem calma...

— Ah! Henriqueta!... Henriqueta!...

Sim, que ia fazer eu? Com as mãos castigando o rosto, procurei rebuscar alguma cousa inexplicavel. Esse *alguma cousa* fez-me o efeito d'uma lampada longinqua que se vae aproximando da sombra. Se matasse minha mulher, que sucederia? O escandalo, a deshonra, a infelicidade perpetua para a *outra*, a inocente, a querida Delia. Pensei, pensei, acalentado pela melancolia da canção italiana. Delia perderia o noivo, eu perderia a honra, no dia seguinte a imprensa comunicaria a todo mundo a tragedia. E em resumo eu mereceria a compaixão, ela seria repelida pela sociedade. A sociedade absolutamente não abre as portas á filha d'uma prostituta ou a uma prostituta, *quando o caso é publico*. E a sociedade ao mesmo tempo não quer saber porque o marido mata a mulher devido á traição conjugal, sagrada pelo romantismo como a traição mais adoravel.

A pouco e pouco fugio-me a febre homicida e quando dei cobro de mim, raciocinava friamente. «Coragem, bandido! Uma decisão superior e pratica, eis o principal!...» Aproximei-me mais da porta, quasi tocando-a. «E então, tens coragem?»

Os dous, lá dentro, roçavam os corpos. Eu, no corredor, ouvia. E do outro lado a pequena cantava.

E como eu era pae, era homem e pensava na minha filha, retirei-me decidido a nada *jámais* saber, a continuar, methodicamente a vida em familia e a cuidar n'aquela mesma noite do casamento futuro.

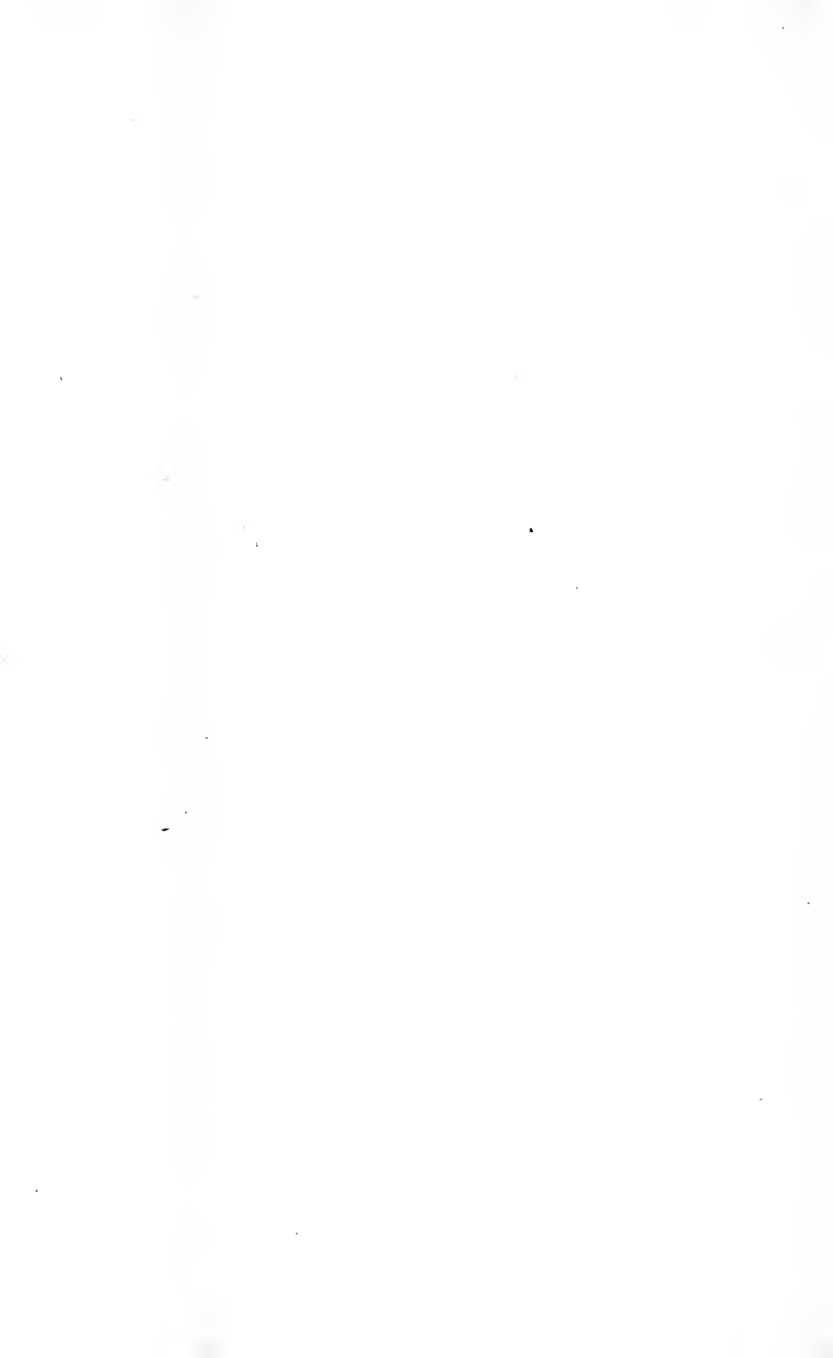
— Ah! Henriqueta!... Henriqueta!...

AMOR E VICIO...

A sociedade tem os criminosos que precisa...

LUCASSAGNE.

Chamam-nos civilisados, mas êles não são senão degenerados physicos e mentaes... Por isso, nem merecem desprezo, nem merecem cadêa: merecem cura...

T. FILHO.

Vinhamos da Suissa, de volta d'uma bizarra excursão aos montes. Era pleno inverno.

Não sei por qual incidente, o trem, obrigado a demorar na estação d'Anilay, nos atirou ao canto d'um café onde reinava o crepusculo d'uma lampada aceza. Atirou-nos, digo bem, pois eramos tres: o conde de Partenza, italiano diletante, Fleury Bar, jornalista em viagem e eu, emigrado eterno.

Tinhamos frio e diante de tres punchs, tinhamos desejos de palestras. Soltos no mundo das aventuras, nós tres nos acostumaramos a guardar comnosco mesmo as nossas impressões. O habito das viagens ensina o *touriste* á sobriedade. Mas nem sempre esta sobriedade fica adequada a certos momentos. E n'aquela tarde, com neve, um trem subitamente parado e punchs fumegantes, o silencio seria a mais horrivel das torturas.

Fleury encarregou-se de rompêl-o, surgindo-nos como jamais o conheceramos: philosophico...

— A vida! exclamou êle. — Para que vivemos?... Eu, de paiz em paiz, para um jornal que me paga bem com o fito de mentir... Minto... O jornalista tem que mentir... do contrario mata o jornal... Tu!... A

*

mesma cousa!... a escrever mentiras... O nosso Partenza... a mesma cousa!... a flanar... Isso ofende o pobre...

Eu e o conde consideravamos Fleury. Fleury tão sisudo, espantava-nos. Pergunteì-lhe:

— Que especie de vida achas superior?

— Sei lá! Nenhuma! Não viver, eis tudo!...

De repente porém, com estrondo, sorveu um gole do punch, transfórmou-se.

— Não tomem a serio o que acabo de dizer... Ora essa!... É o costume, meus amigos... A vida é uma bela cousa...

E então, entre nós, uma batalha de comentarios travou-se ardorosamente. Agredia-nos uma tenacidade violenta de lucta, de gesticulação, de literatura. Num lapso transportamo-nos ao amor, á virtude, á piedade. Cada qual vituperiou o outro com absurdos paradoxaes. O conde banhava-se na sua aristocracia com uma filaucia maravilhosamente fidalga: dentro em breve poz-se fóra de combate. E como eu e Fleury nos atracassemos em questões mais escabrosas, terminamos, a pedido d'êle, por uma pequena escaramuça que tudo findou.

— Amas pois? — perguntei a Fleury.

— Amo.

— Amas o que?

— Amo o amor, o amor perfeito...

— Que entendes pelo amor perfeito?...

— O vicio... O vicio é a perfeição do amor... O amor sem o vicio é falho, muito áquem do amor burguez que é porco...

No mesmo diapasão continuou a divagar sobre a surpreza do vicio nos cerebros cultos. Acaso tentaria negar a degenerescencia amorosa de Shakspeare, Wagner, George Sand, Baudelaire, Lystone, Pöe, Maupassant, Descartes, Oscar Wilde, Gabriele d'Annunzio, de muitos outros, dos maiores genios? O homem de talento poderia amar como qualquer homem? poderia aceitar o amor d'uma mulher *comum?* O amor... Qual!... O vicio... vivesse o vicio para nós, os de talento... E ėle batia na meza com os punhos cerrados, franzia a testa na cacueta predilecta, dir-se-ia assenhoreado d'oneiropola convicção...

— Eu quero o amor desegual: uma mulher libidinosa, alternativamente rameira e rainha... carinhosa e artista... Para isso, não ha como a ingleza em primeiro plano, a americana em segundo e a franceza, em terceiro...

Mas o trem, na nevoa opaca, despertou do seu torpor, com um silvo agudo da locomotiva. A campainha da estação badalou tres vezes. E corremos, pagas despezas, para o wagon que nos conduziria.

*

*   *

As opiniões razoaveis de Fleury (redactor do *Cosmopolitan Magazzine,* hebdomadario que dá cinco edições em cinco linguas diversas) eram produzidas por uma volubilidade semelhante a um opio suave. Èle não discortinava aqueles horisontes filosoficos por conveniencia, persuasão. Assaz futil, assaz boulevardeiro, falava por sno-

bismo. Só depois, dous mezes depois, pude tal descobrir. E foi o proprio Fleury quem me narrou a desilusão em que nadava a sua inquietada alminha.

Oh! esses dous mezes para o viajante jornalista, esses dous mezes de tortura e morte!

Logo ao chegar em Paris depois da nossa excursão á Suissa, Fleury apaixonou-se. De tanto jogar com o amor e de tanto filosofar sobre o vicio, Fleury apaixonou-se seriamente. Vem o idylio das mezas d'um restaurant dos Campos Elyseos.

O inverno fizera uma pequena tregua. O segundo domingo de Janeiro amanhecera d'uma lucidez cadaverica. O sol coado por um paneiro d'algodão sujo, enthusiasmara a população da cidade que se puzera nas ruas, nas avenidas, nas bancas dos cafés. No trecho comprehendido entre o boulevard Saint Denis e o Arco do Triumpho, abrangendo os boulevards Poissonniere, Bonne Nouvelle, Montmartre, Italiens, Capucines, Opera e Magdeleine, ás duas horas da tarde o movimento era extraordinario. Todo Paris amarrotara-se d'orgulho por esse piedoso e amortecido sol.

Fleury como mundano, sahio. Perambulou e sentio fome. Na vespera dansara muito num baile do *Bohemien's Club*, recolhendo-se tarde. Achando-se então em plena zona dos restaurants chics, entrou no primeiro que lhe passou pela vista. Antes porem d'apontar no cardapio, ao garçon estatico, o escolhido *hors d'œuvre*, descobrio á direita, olhando-o com dous olhos negros, uma mulhersinha morena e rara. Fleury escolheu ao acaso um prato, e considerou.

A mulhersinha, positivamente não era franceza: tinha estatura regular, cabelos maravilhosos, e junto a uma morenez transparente, jambosa, labios polpudos como as francezas não têm. Fleury esquentado, vio-se pois em presença d'uma extrangeira do sul — não hespanhola, não turca, não italiana (êle considerou em primeiro logar) — mas americana. E na sua bazofia gauleza jurou orgulhosamente fazer uma conquista.

A mulhersinha acompanhava-se d'um homem tambem moreno — o marido. Descobrindo semelhante pormenor, Fleury torceu o nariz, atento. Ela falava alto, como só falam as extrangeiras para se fazerem notadas e as meretrizes por necessidade comercial. E falava n'um dialecto conhecido de Fleury, o portuguez. O *Cosmopolitan Magazzine* entre as suas edições compreendia a portugueza. Fleury por fim deduzio, do físico e da linguagem, ser a mulhersinha, uma brazileira: — traços caracteristicos da india e do portuguez, — cabelos negros, olhos negros, péle morena — uma certa petulancia em tudo ver por cima dos hombros e por cima dos... labios...

— Não precisamos voltar agora — dizia ela ao companheiro — Para que?... estamos em Janeiro... o calor no Rio, horrivel!... Só em Maio melhora um pouco... Resolva logo... ainda tres mezes de Pariz... cincoenta mil francos, uma bagatela...

— Querida Andriseta, como quizeres — replicava o outro. — Chegaremos ao Rio no começo do inverno carioca...

— Sim... e em Novembro, com a vinda do calor... depois d'uma visita ao Uruguay e Argentina, tornaremos

cá... para a Italia certamente, onde está a nossa amada Querubina Doria...

— Claro que sim, Andriseta!

Fleury ouvindo, assestou as baterias de conquista. Sabia de como se procede para chamar a sympathia d'uma desconhecida. Poz-se em atitude languida, mirando o tecto da sala, á espera do garçon. E quando este chegou, trazendo o prato, èle pedio, não sem elevar o diapasão vocal de modo a ser percebido dous metros em derredor:

— Champanhe... da melhor... Clicquoy...

O resultado não se fez esperar.

A extrangeira, a brazileira — Andriseta — voltou-se. Èle sorrio-lhe. Travava-se vagamente a primeira escaramuça.

— *Omelette crawfish mayonnaise au fromage*...

O prato extravagante foi requerido no mesmo diapasão anterior. Fleury percebeu, adivinhou a mulhersinha murmurar ao marido...

— Que *especie de comida é esta?*...

— Sei lá!...

Chamando o garçon em meio caminho, èle acrescentou alto:

— *Au scierie*...

Entre a gente fina de Paris ha o costume das comidas extravagantes, as mais inexplicaveis, intraduziveis quasi. Um prato ás vezes banal toma tal aspecto e tal complicação, que ninguem o digerindo dez vezes adivinhará a sua confecção. Fleury, frequentador dos bons

restaurantes e das bôas casas de tolerancia, possuia o segredo d'esses pratos exoticos.

O sucesso obtido sobre a mulher a conquistar foi imediato. Olhando-a depois, recebeu contra a sua individualidade um suplicante beliscão d'olhos, avido e apaixonado. Fleury — jornalista viajante, polyglota — Fleury, admirador do vicio, pensou encontrar naquela creatura tão miraculosamente morena, tão regiamente vestida, tão presumpçosamente posada, uma amantesinha terna para dous mezes de noivado. Fleury, no meio do seu espalhafato, architectou um idylio sereno, novo. Almoçou como um principe e quando a adivinhou prestes a partir, tirou da carteira, para pagar uma refeição de vinte e sete francos, uma nota roxo-azul de quinhentos francos.

Sahiram ao mesmo tempo. Desceram a pé os Campos Elyseos. O movimento de passeantes era descomunal. As crianças pulavam em verdadeiros torvelinhos de demonios sobre os pequenos carroceis aqui e ali espalhados junto a bouffets diminutos. Os lagos artisticos e bizarros jogavam ao ar, pelos aparelhos electricos, aguas multicores. Na praça da columna do Obelisco, o casal tomou um auto, direcção Bois. Fleury seguio-o, acompanhou-o tarde, ao Grand Hotel. E a essa hora, após os mais futeis pormenores, tinha completamente conquistado Andriseta, certo, certissimo de possuil-a em breve, como amante.

E possuio-a.

«Antes nunca a tivesse possuido.» Esta frase de Fleury define a qualidade d'idylio que foi o seu.

«Antes nunca a tivesse possuido.» Porque?...

Nos dias do seu inicio, esse amor, numa quietação

florescente mais e mais, vagueou entre os theatros, os restaurantes e os armazens. Na junção corporal, espatifou-se.

Para se encontrarem, Fleury e Andriseta tinham escolhido ninho em Chaussée d'Antin. Mobiliado com luxo, reinava n'êle uma atmosfera agradavel, íntima: tapetes, quadros, marmores, veludos, rendas. Andriseta mudara de boa vontade a disposição dos moveis, com uma graça leviana que foi direita ao coração de Fleury, com uma graça quasi direi *traquejada*, pois traía o conhecimento esthetico d'isso a que os amantes denominam *jôgo local*. No centro do mimoso retiro, ela puzera um serviço finissimo de chá. Explicara: «Quando viermos aqui... beberemos o chá que farei... é chic... sentados nos tapetes... beberemos pela mesma taça!...»

No dia seguinte, radiante por possuil-a enfim, êle foi d'uma delicadeza extraordinariamente *inocente*. Mas que! Essa delicadeza bateu numa couraça assaz resistente. O sensualismo medonho d'Andriseta, ia até ao vicio. Andriseta era um monstro de volupia.

O primeiro encontro foi o começo d'uma tortura pouco comum, d'uma tortura espaçada, escalada. É facil d'imaginar-se o estado d'espirito de Fleury, ao retirar-se com os ouvidos maguados por frases debochadas e devassas, frases acompanhadas de gesticulações, de beijos libidinosos, d'um satyrismo formidavel, de poses eroticas.

— Oh! como eu te amo! — gritava ela com os dentes cerrados, os olhos revirados — Oh! como eu te amo! como eu te amo!

Êle, o homem civilisado, sentio-se fraco e mesqui-

nho. O seu devaneio pedia cousa diferente d'aquela animalidade, pedia outros carinhos mais femininos... Êle, o homem civilisado, temeu ser estupido, estupidificando-se, d'uma fraqueza d'espirito sentimental.

— Andriseta! Andriseta!

— Que é? Fala!

— Andriseta! Tenho medo de ti!...

— Ama-me então como eu te amo! A volupia, meu amigo, é a unica saudade que em nós pode restar dos velhos dias...

Onde aprendera taes cousas? Fleury desceu mais, com a sua inteligencia d'ela. De revelação em revelação, Andriseta surgira especimen rarissimo de deusa—vaca... De revelação em revelação Andriseta surgio como um typo, impondo-se, impando-se. Confessava:

— Os quadros que rememoram o Oriente, trazem a mulher ou ao lado d'um bode ou ao lado d'um velho satyro... Se eu pintasse faria a mulher entre os dous... muito pequenininha... Como é bom ser pequenininha!...

Enroscava-se nas cobertas, abraçava-o a ponto d'estalar-lhe os ossos. Nua no meio do aposento, segurando os bicos dos seios, desafiava-o:

— Contempla, Fleury! Onde, as tuas patricias, as tuas francezas? Qual d'elas poderá igualar a sua magreza á minha plastica brazileira? Qual d'elas terá o sangue quente como o meu sangue, o amor jovem como o meu amor? Qual d'elas gozará como eu gozo?... Eu sou bela... até na côr... No Brazil as mulheres mostram a volupia na pele morena... Eu sou do sul...

E ria muito, com um riso de lotus, delicado como um sorriso...

Fleury tambem ria para ser gentil; mas corroía-o uma tristeza aguda, uma indecisão mortal.

Andriseta, um dia, faltou á entrevista. Êle esperou num camapé durante a tarde, durante o principio da noute, durante longas horas infindaveis, pensando na amante, desde o seu conhecimento num restaurante dos Campos Elyseos, pensando na creatura que então imaginara naquela extrangeira de tão longe! — oh! tão longe, dezoito dias da França! — Julgara-a simplesmente ingenua, timida no beijo, pundonorosa no coito. Encontrara-a o oposto, afoita ao beijo, cynica no coito. Havia pois em todo o mundo as mesmas arvores que fructificavam sob a mesma devassidão! E Fleury com desgosto lembrava-se da sua theoria de mundano gasto: «a perfeição do amor está no vicio...»

Andriseta desculpou-se. O marido prendera-a para o five-ó-clock sabatico da condessa Rocha. Mas Fleury duvidou, avisado pelo setimo sentido dos passionarios. Desde então espionou-a, andando por onde ela andava, esgueirando-se pelos logares por onde ela transitava. Descobrio-lhe a primeira *traição,* em Montmartre, no fundo d'um d'esses cabarets excentricos protegidos pelos esposos amaveis e pelas esposas inconsolaveis. Andriseta, ao lado d'uma fantasia de Satan, mastigava sandwichs. O fantasiado ria delirantemente, cercado por uma roda alegre de mulheres que lhe pediam graças. E Andriseta com zelos, prohibia-o d'ir ao palco na extremidade da sala.

Oh! Ela dansara com o fantasiado, puxara-o com luxuria nos mil revoluteios d'um can-can, puxara-o com caricias para fóra, para um carro que os levara, depois... E Fleury assistira, escondido, envergonhado d'aquela sociedade presente, *mulheres honestas, aristocratas que se ao davam chiquismo ultra pulha de descer aos cabarets*... E mais uma vez a sua theoria de mundano desgostava-o sarcasticamente: «a perfeição do amor, está no vicio...»

Então, Fleury, superior para pedir satisfações a uma amante, suportou calado o seu desgosto — os seus desgostos — pois outros episodios mais ou menos obscenos, seguiram-se ao do cabaret. Andriseta já não dissimulava, já não apresentava excusas. «Não viera porque não pudera.» E ficara, realmente, ao lado de qualquer capricho passageiro: o contacto luzido e mal cheiroso d'um engraxate; a caricia pesada e gordurosa d'um marchante; a ligeira intimidade d'alguma amadora de Lesbos.

Porca! Porca! Porca!

Fleury amaldiçoava-a, só, no seu ninho d'estofos ricos. Desprezava-a finalmente, assediado por um ciume formidoloso, formidando. Uma porca! E o marido que a soltava em Pariz, — um porco! E o zelo de Fleury era tamanho que num impulso de resoluções honestas resolveu não procural-a, numa tarde d'entrevista. Ficou na sua casa de rapaz solteiro, lendo... procurando ler... O livro dansava-lhe na vista, uma saudade enorme fazia-o scismatico, quasi doente. Olhava o relogio, abandonando o livro: quatro horas... ela chegaria? Quatro e meia... cinco horas... As cinco horas, o chá...

Então, desvairado, encaminhou-se para a Chaussée d'Antin. Encontral-a-ia certamente a esperal-o, chorosa.

Mas tal não sucedeu.

O edificio onde estava situado o retiro das entrevistas, possuia o seguinte exquisito casal de porteiros: uma velha lamurienta, lathronimpha, balofa; um velho, antes direi macaco, desegual, pequenininho, vermelho — nariz que furava espaços, beiços retorcidos cretinamente, orelhas grandes, rosto oleoso que luzia, fedia. Os dous degenerados repugnavam.

No corredor, a dez passos da entrada do abrigo, Fleury encontrou a velha que lhe tomou a dianteira.

— Arreda! — disse-lhe êle.

— Não. A patroa não está!...

— Então porque me tomas o caminho? Sae, velha estupida...

Jogou-lhe um pontapé, galgou em dous pulos a distancia até á porta. Empurrou-a. Na cama, — adiante, num quadro que lhe ferio imediatamente a vista — Andriseta abraçava-se ao porteiro — o velho odiento, mostrengo. Fleury estacou, frio, aniquilado. Andriseta soltou um gritinho zoante.

— Como!... Como!...

E sem mais preambulos êle se revoltara, com esta unica exclamação.

Andriseta então, muito séria, obtemperou:

— Porque não vieste?... És culpado!... Tu!... E...

Fleury possuido d'um nojo maldito, deu-lhe as costas, fugindo, descendo.

*

* *

Ao terminar a narrativa da sua desgraça, Fleury pedia-me d'olhos supplices que esquecesse as palavras d'outrora, pelas quaes se batera. Era um desiludido, indiferente. Não se preocupava mais com saias. O amor, entretanto, não passava d'uma imundicie — todo, qualquer amor...

— Viste o exemplo... Eu, captivo d'um typo lendario no qual julgava poder encontrar o que me entretivesse num sonho... E... zás!...

Depois, pausado, sincerissimo:

— É inacreditavel, comtudo... numa brazileira!... oh!... é muito, muito forte!...

Aix-les-Bains — Agosto, 1911

INDICE

INDICE